





INÍCIOS

Por Kristy Humphreys

Ilustrado por Trevor Southey

Os rapazes de doze anos são divertidos, amáveis e despreocupados. Seu mundo parece estar distante das responsabilidades do casamento, governo e outras coisas dos adultos. E no entanto, estão no caminho do casamento eterno, e em seu trabalho do Sacerdócio, gozam de uma forma mais perfeita de governo do que qualquer país.

O Sacerdócio Aarônico é diferente de qualquer clube. Você não compra uma carteirinha de sócio

para filiar-se. Não lhe é simplesmente entregue como um certificado. É-lhe conferido através da imposição das mãos, e você é ordenado por alguém que possui autoridade. É um chamado de Deus. Só é dado quando o rapaz é digno e só é recebido quando dado pela autoridade apropriada.

Eu, como mulher, não posso possuir o Sacerdócio, mas posso ajudar os rapazes de minha idade a honrarem o que possuem, se for recatada, der um bom exemplo e os encorajar a freqüentarem suas reuniões e cumprirem suas designações. Fazendo isso, eu os estarei ajudando a manter seus elevados objetivos e ideais e estarei também apoiando-os em seus deveres. Se puder influenciá-los a que façam o bem agora, poderemos progredir e crescer juntos. Para mim, o Sacerdócio Aarônico é apenas o início de todo um novo modo de vida.

Viverei uma existência de pureza, cheia de bons exemplos, pois quero, algum dia, ajoelhar-me junto a um altar, não um qualquer, mas um altar no qual possa dar mais outro passo em direção à vida eterna. No outro lado desse altar, quero alguém que seja reto e digno, alguém que respeite seu Sacerdócio. Quero que ele tenha o melhor e quero ter o melhor. Portanto, espero que algum rapaz, em alguma parte, esteja acalentando os mesmos pensamentos. Vivendo de maneira correta, ele poderá avançar de diácono para mestre e sacerdote, e progredir para os chamados maiores do Sacerdócio de Melquisedeque.

O Sacerdócio Aarônico é importante, vivo, ativo — é um início.



Bispo Brown
Página 12

Irmã Smith
Página 21

Élder Ashton
Página 18

Élder Lee
Página 24

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Robert D. Hales
O. Leslie Stone
David B. Haight
Howard W. Hunter

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

A^{29.5} Liahona¹⁹⁷⁶ maio

INÍCIOS, Kristy Humphreys (capa)

- 2 A GLÓRIA DA PUREZA, Presidente N. Eldon Tanner
- 4 O PODER DO DIÁCONO, William G. Hartley
- 7 O DESAFIO DE UMA TAREFA INACABADA, Lowell M. Durham Jr.
- 9 PERGUNTAS E RESPOSTAS, Roger Merrill, James A. Cullimore, Victor L. Brown
- 13 ÁGUAS EM REDEMOINHO, Bernadine Beatie
- 16 VOCÊ É FELIZ?, Mabel Jones Gabbott
- 18 NO CAMINHO, Marvin J. Ashton
- 20 SÓ PARA DIVERTIR
- 21 O PAPEL DA SOCIEDADE DE SOCORRO NOS SERVIÇOS DE BEM-ESTAR, Bárbara B. Smith
- 23 IDENTIFICAÇÃO, John. A. Tvedtnes
- 24 SETENTAS: UMA HISTÓRIA PRECIOSA, Élder S. Dilworth Young
- 27 VOCÊ É COMO U'A MÃE, Ardeth G. Kapp
- 29 JEJUM E ORAÇÃO, Spencer J. Condie
- 30 NOTÍCIAS SOBRE O TEMPLO... CERIMÔNIA DE ABERTURA DA TERRA DO TEMPLO DE SÃO PAULO, José Glaiton F. da Silva

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 20,00;** para o exterior, simples: **US\$ 5,00;** aérea: **US\$ 10,00.** Preço do exemplar avulso em nossa agência: **Cr\$ 2,00;** exemplar atrasado: **Cr\$ 2,50.** As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

A GLÓRIA DA PUREZA

Pelo Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro da Primeira Presidência

“Quão glorioso é
aquele que vive uma
existência casta. Ele anda
destemidamente à luz do sol do meio-
dia, pois não tem enfermidade moral. Ele
não pode ser atingido pelas flechas da vil calúnia,
pois sua armadura não tem brecha; sua virtude não
pode ser desafiada por nenhum acusador justo, pois ele
vive acima de reprovação. Sua face nunca se enrubesce
de vergonha, pois ele não tem pecado. Ele é
honrado e respeitado por toda a humanidade,
pois está além de sua censura. É amado
pelo Senhor, pois permanece sem
mácula. As exaltações das
eternidades esperam por
sua vinda.”

(Mensagem da Primeira Presidência, 2 de outubro de 1942.)



“**Q**uão gloriosa e próxima dos anjos está a juventude que é pura; ela possui alegria inexprimível aqui e felicidade eterna na vida futura.” (Primeira Presidência, 6 de abril de 1942.)

Se eu fosse perguntar a vocês o que desejavam da vida, ou qual seria seu objetivo eventual, estou certo de que responderiam que desejam ser felizes, ser amados, respeitados e obter sua salvação e exaltação no reino dos céus. Essas são metas nobres e devem ser procuradas por todos nós. Mas, **procurar** não é suficiente, pois somente poderemos obter quaisquer das coisas dignas da vida pagando o preço que elas exigem.

O valor da pureza moral está além de qualquer comparação. Não pode ser comprada por prata ou ouro, mas o preço que pagamos é em partículas de retidão pessoal, e fará mais para ocasionar essa felicidade eterna que buscamos do que quase outra coisa qualquer. Atentemos ao conselho de Paulo aos gálatas, quando disse:

“Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.

“Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna.” (Gál. 6:7-8.)

A pureza moral, ou virtude, não é apenas algo com que sonharam alguns religiosos. É um padrão de decência que deve ser observado por todas as pessoas racionais que desejam bons lares, comunidades fortes e grandes países.

Consideremos alguns dos benefícios de sermos moralmente puros. Primeiro, podemos recordar de que não há desvantagens, mas sim numerosas vantagens de sermos recatado, puro e limpo. Nunca teremos que nos envergonhar de nossa conduta. Nunca trataremos sofrimento e dor aos nossos entes queridos. Estaremos livres das moléstias sociais que prevalecem e que estão proliferando de maneira alarmante. E, mais importante do que tudo, teremos sido obedientes aos mandamentos de nosso Pai nos céus, os quais foram dados por ele para o nosso benefício e bênção.

Que coisa bela e gloriosa é um jovem casal poder encarar-se junto ao altar do templo de Deus, sabendo que se mantiveram limpos e puros, que estão edificando seu próprio lar sobre um alicerce de confiança e respeito mútuos. Eles trarão àquele lar filhos espirituais de Deus, cuja herança será “a pleni-

tude da terra” (D&C 59:16), à medida que servirem a Deus e guardarem os seus mandamentos.

Channing Pollock afirmou certa vez: “Um mundo no qual todos acreditassem na pureza das mulheres e na nobreza dos homens, e agissem de acordo, seria um mundo muito diferente, mas um lugar estu-
pendo para se viver.” (*Reader's Digest*, junho de 1960, p. 76.)

Decidam **agora** que este é o tipo de mundo que ajudarão a construir e no qual gostarão de viver. **Agora** é o tempo para que tomem sua decisão de não sucumbir às cargas e tentações que são predominantes. Vocês têm tudo a ganhar ou tudo a perder pela escolha que fizerem quanto a esse assunto de extrema importância.

Temos muitos jovens que estão determinados a viver como devem, que desejam a promessa inigualável dada pela voz da revelação moderna:

“... que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus...”

“O Espírito Santo será teu companheiro constante... e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre.” (D&C 121:45-46.)

Devido à sua preocupação pelos membros da Igreja, a Primeira Presidência emitiu uma mensagem, durante a II Guerra Mundial, que advertia contra os pecados da impureza e concluía assim:

“Incentivamo-los a que se lembrem da bênção que emana de uma vida pura; nós os conclamamos a manter, continuamente, o caminho da mais estrita castidade; somente através dela, poderão advir-lhes os mais preciosos dons de Deus e o seu Espírito habitar com vocês.

“Quão glorioso é aquele que vive uma existência casta. Ele anda destemidamente à luz do sol do meio-dia, pois não tem enfermidade moral. Ele não pode ser atingido pelas flechas da vil calúnia, pois sua armadura não tem brecha; sua virtude não pode ser desafiada por nenhum acusador justo, pois ele vive acima de reprovação. Sua face nunca se enrubesce de vergonha, pois ele não tem pecado. Ele é honrado e respeitado por toda a humanidade, pois está além de sua censura. É amado pelo Senhor, pois permanece sem mácula. As exaltações das eternidades esperam por sua vinda.” (Mensagem da Primeira Presidência, 2 de outubro de 1942.)

O PODER DO DIÁCONO

William G. Hartley

Quem, além dos anjos registrados, poderia contar o número exato de diáconos que serviram à Igreja desde que Titus Billings, Serenes Burnett e John Burk foram os primeiros diáconos ordenados na Igreja Restaurada de 1830 a 1831?

Baseados em totais anuais (95 diáconos em 1854; 18.000 em 1906; cerca de 150.000 atualmente) e o tempo de mudança de posição (dois ou três anos de serviço por diácono), nós estimamos, conservadoramente, mais do que dois milhões de diáconos deve dar grande importância ao cargo, para ter chamado tantos diáconos para servirem em seu reino nos últimos dias.

Lembranças Cálidas dos Dias de Diácono

Muitos líderes da Igreja têm escrito que ficaram impressionados com o poder dos diáconos e que guardam lembranças cálidas de seus próprios dias como diáconos. Para citar um exemplo de um século atrás, John Smith, um converso inglês, recorda como adulto, que “filiou-se à Igreja com onze anos de idade, foi ordenado diácono quando estava com quinze (1851), e na ocasião, sentiu tal poder como nunca havia sentido antes.” Mais próximo do nosso século, o Elder George Reynolds, um dos sete presidentes do Primeiro Conselho dos Setentas, expressou gratidão semelhante por seu breve trabalho como diácono:

“Se houve algum cargo para o qual eu tenha sido chamado na Igreja, que eu tenha desempenhado com o máximo de minha capacidade, este foi o de magnificar o chamado de diácono.

“Nunca faltei a uma reunião, quando me fosse possível ali estar. Frequentemente chegava à capela uma hora ou mais antes da hora marcada para os serviços, a fim de abrir a porta e preparar a sala, e tinha grande prazer em verificar que tudo estivesse devidamente arrumado — que os bancos estivessem sem pó, o aquecimento ligado, as luzes acesas à noite e todas as outras pequenas coisas providenciadas, para que os santos pudessem reunir-se confortavelmente. Realmente, creio que tinha mais prazer e satisfação naquele trabalho do que nas responsabilidades maiores dos anos posteriores.



Um exemplo mais recente: o ex-presidente da Missão dos Estados Orientais dos E.U.A., James H. Moyle, escrevendo a respeito da década de 1940, salientou como seu chamado para ser um diácono realmente lhe mudou o comportamento juvenil. Quando foi chamado pelo bispo para ser diácono, o jovem James, que costumava andar com os garotos mais travessos da ala, hesitou por um momento e então aceitou:

“Gradualmente eu me afastei dos travessos e me dediquei tanto aos meus deveres de diácono, que o bispo disse que eu era o melhor da ala. Nós limpávamos a capela, varriamos, esfregá-

vamos o chão e tirávamos o pó, enchíamos as lamparinas de querosene, acertávamos os pavios, acendíamos as lamparinas e fazíamos todos os trabalhos de zeladoria, pondo o lugar em ordem na parte geral, cuidando também da porta e da entrada... Fazíamos turnos na limpeza da capela e tínhamos que fazê-lo com frequência. Eu era muito consciencioso com relação ao meu cargo, e dali em diante, nunca mais me permiti ser inconstante ou irreligioso.”

Por que é, poderíamos perguntar à luz destes três casos, que homens mais velhos têm lembranças queridas de seu serviço como diáconos? Pelo menos três sólidas razões para tais sentimen-



tos parecem evidentes, quando observamos a história do trabalho dos diáconos nesta dispensação: camaradagem, serviço e desenvolvimento pessoal.

Camaradagem

Como citou o Élder Moyle, os padrões de um rapaz determinam aqueles com quem ele se associa. Uma vez que um garoto esteja integrado em um quorum de diáconos, seus companheiros de quorum com freqüência se tornam seus melhores amigos. Eles então se influenciam mutuamente para o bem, como é ilustrado por esta história:

William Smart, quando garoto, costumava unir-se aos seus companheiros para aborrecer uma viúva excêntrica

da vizinhança. Então, certo dia, os meninos foram ordenados diáconos.

“Apossando-se de mim o espírito do diácono”, disse o irmão Smart, “vi-me disposto, e mesmo satisfeito em, junto com meus jovens companheiros diáconos, cortar lenha para os pobres e para a capela.”

Certo dia, procurando divertir-se, os diáconos pararam diante da propriedade da viúva e debateram o melhor meio de atormentar a velha senhora. Mas, desta vez, o resultado foi diferente.

“Desde a última vez que ali se reuniram”, relembra o Irmão Smart, houve “uma transformação quase que imperceptível na vida de alguns dos ga-

rotos. Eram agora diáconos no Santo Sacerdócio.”

Em vez de traquinagens, um rapaz sugeriu que pegassem a carroça da senhora, empurrassem-na montanha abaixo, enchessem-na com galhos secos de salgueiro e então trouxessem de volta a carga e cortassem a lenha para a provisão da senhora. Os outros rapazes, uma vez que concluíram que seu amigo não estava brincando, concordaram animadamente.

A viúva divisou os rapazes levando sua carroça monte abaixo e arrojou-lhes flechas verbais. Depois, apressou-se a ir para a casa de uma vizinha e expandiu sua raiva. Mas, como não ficou sur-

presa, quando o velho carroção lhe foi devolvido com salgueiros secos! O grupo de garotos stujos e suados — a quem ela reconheceu como seus antigos atormentadores — começou com energia a cortar lenha para ela! Ela ralhou, riu e chorou, alternadamente, exclamando, então: “Rapazes, Deus os abençoe! Perdôo-lhes todas as coisas ruins que me fizeram no passado!” Ela e os meninos souberam então, que “alguma força silenciosa havia realizado a mudança”, e aquela força invisível foi o novo poder e espírito que eles haviam recebido com sua ordenação.

Serviço

Nunca, na história da Igreja, os diáconos se contentaram em apenas realizar reuniões, tendo sempre desempenhado encargos importantes na Igreja. Como assistentes dos mestres, sacerdotes e bispos, eles têm realizado uma variedade de tarefas úteis. Um século atrás, por exemplo, sua principal designação era cuidar das capelas das alas.

“Muito do conforto de uma reunião se deve ao diácono”, disse o diácono Mark Lindsay em 1874. “Devemos estar lá pelo menos uma hora antes do início da reunião. Conservar a casa bonita e limpa, nem muito quente, nem muito fria... Manter a bandeja do sacramento limpa, assim como a toalha e a mesa, e ter cuidado para deixá-las limpas.”

O cuidado para com os pobres também tem caracterizado as atividades dos diáconos, particularmente sua coleta de ofertas de jejum.

Os diáconos de antigamente, em comparação, talvez tivessem um pouco mais de aventura ao coletarem as ofertas de jejum. Pedindo emprestado o carroção de um pai, assim como sua parrelha de animais, um par de diáconos dava a volta num quarteirão designado, batiam na porta de cada casa e voltavam ao carroção carregados de caixas, cestas, jarros ou pacotes — raramente dinheiro. Dois diáconos de Provo, Utah, por exemplo, em uma coleta de ofertas de jejum mensal em 1903, carregaram em sua carroça “750 g. de toucinho, 40 centavos em dinheiro, 1 jarro de fruta em conserva, 1 pacote de uvas-passas, 1 lata de ostras e 16 quilos de farinha.”

Além de coletar ofertas, os diáconos têm ajudado os necessitados, doando força física: pintando casas, juntando folhas, limpando calçadas, dando recados. Como ilustração, existe o caso que se deu perto da passagem do século, quando os diáconos ajudaram duas famílias em sua ala:

“No dia dez de maio, o quorum dos diáconos, com o consentimento do bispo, reuniu-se na plantação de beterrabas da Irmã _____, cujo marido havia falecido recentemente. O quorum,

com a ajuda de parentes, em número de sessenta e oito pessoas, se puseram a trabalhar e carpiram e desbastaram três hectares e meio de beterrabas, antes de deixar o campo. Este trabalho aliviou uma carga pesada dos ombros da família da Irmã _____, que na ocasião estava muito aflita.

“Alguns dias depois, os diáconos foram à fazenda da Irmã _____, uma viúva, e também desbastaram vários hectares de beterrabas para ela.”

Embora alguns bispos já pedissem aos seus diáconos que passassem o sacramento lá pela década de 1870, não foi até depois da passagem do século, que o sacramento se tornou uma designação para os diáconos, em toda a Igreja. Isto está incluído como um dos itens numa interessante lista de deveres recomendados para os diáconos, publicada pela Igreja por volta da época da I Guerra Mundial:

- Coletar ofertas de jejum.
- Servir de mensageiro para o bispo.
- Passar o sacramento.
- Preparar combustível para as viúvas e pessoas idosas.
- Cuidar dos pobres.
- Transmitir notícias.
- Bombear os foles do órgão nas reuniões.
- Conservar em boas condições a propriedade da Igreja.
- Ajudar a cuidar dos cemitérios.
- Manter a ordem na capela.
- Conservar o terreno da capela.
- Ajudar no trabalho da Primária.
- Ajudar no trabalho da aula de religião.
- Agir como recepcionistas.
- Trabalho do Escotismo.
- Cuidar da entrada.
- Distribuir notícias especiais.

Desenvolvimento Pessoal

É certo que através da integração e do serviço, os diáconos do passado e do presente têm aprendido importantes padrões de comportamento, assim como atitudes e conceitos a respeito de sua religião. A mordomia, o princípio básico de governo da Igreja, é aprendida cedo pelos diáconos, que, ao receberem uma designação, precisam concluí-la e reportar o sucesso ao seu líder. Aprendem também sentimentos de solidariedade, ajudando os necessitados, atitudes de adoração e reverência ao passarem o sacramento, e respeito pelos bispos e autoridades da Igreja ao fazerem alguma coisa para eles.

Adicionalmente, os diáconos recebem educação formal do Evangelho em suas reuniões do quorum. Antes da existência dos livros de lições da Igreja, era deixado por conta dos próprios diáconos decidir como dispender suas reuniões de maneira aproveitável. E os antigos livros de registro indicam que eles faziam um trabalho muito bem feito ao planejar e realizar reuniões provei-

tosas do quorum. Um século atrás, por exemplo, uma reunião típica dos diáconos compunha-se do costumeiro hino de abertura, oração e leitura da ata, e daí seguia-se uma miscelânea de histórias pregando moral, leituras e hinos, com discursos sobre o Evangelho, música e freqüente prestação de testemunhos.

Embora fossem de certa forma casuais e não-sistemáticas, essas reuniões do quorum produziam uma significativa compreensão do Evangelho, assim como uma experiência prática de falar e cantar em público.

Só depois de 1908, os quoruns de diáconos receberam cursos sistemáticos para usarem em suas reuniões, e desde aí, através dos anos, o Bispado Presidente tem fornecido um grande número de cursos cuidadosamente preparados e diferentes livros de lições elaborados de modo a ensinar aos diáconos tanto princípios religiosos como conduta digna — teoria e aplicação do Evangelho.

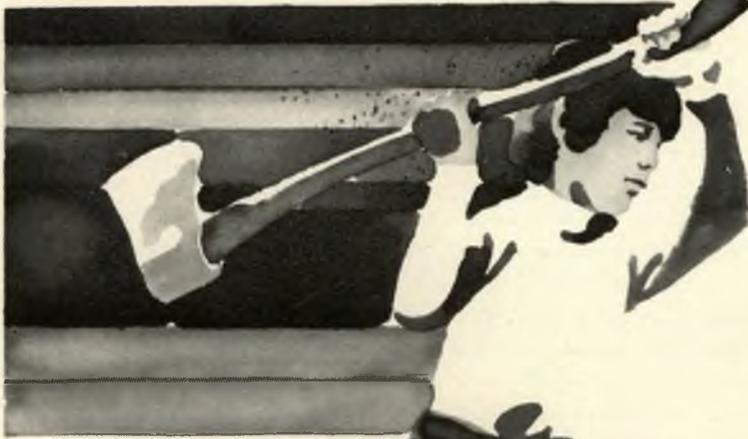
Devido a estas três características do trabalho do diácono — camaradagem, serviço e desenvolvimento pessoal — homens de mais idade que há muito servem no trabalho do Sacerdócio, relembram com gratidão a época em que pisaram no primeiro degrau da escada do Sacerdócio para servir como diáconos.

Uma Igreja Aleijada, Sem Diáconos

Não é a força motriz, mas o Sacerdócio que leva a Igreja adiante, e o poder do diácono é uma parte essencial. Sem o poder do Diácono, a Igreja sofreria sob dois aspectos. Primeiro, os bispos e outros teriam que deixar alguns de seus próprios encargos para tomarem a si o trabalho que os diáconos devem fazer. Em segundo lugar, e talvez o mais importante, se falhar uma geração de diáconos, dentro de dois anos não haveria mestres, e em quatro anos não haveria sacerdotes, e, depois de uma ou duas décadas, as fileiras do Sacerdócio de Melquisedeque não seriam preenchidas com adultos preparados e qualificados, que se tivessem graduado no Sacerdócio Aarônico preparatório.

A geração de Brigham Young descrevia os diáconos e outros membros do Sacerdócio Aarônico como as pernas e pés da Igreja, sem os quais ela seria aleijada. Mas é também importante notar que, sem a experiência do Sacerdócio Aarônico, os próprios rapazes ficariam aleijados. Assim, o poder do diácono tanto envolve o benefício à Igreja como ao diácono.

Dois milhões de diáconos. Isto é um bocado de camaradagem, de serviço à Igreja, de desenvolvimento pessoal. E avaliando bem, é nestas qualidades — e não nas estatísticas — que os anjos registradores e nosso Pai Celestial estão mais interessados.



O Desafio da Tarefa Inacabada

Bispo Victor L. Brown

Por Lowell M. Durham Jr.

Ilustrado por Sherry Thompson

Gerald Brown desafiou seu filho a cortar o que parecia ser lenha demais naquela clara manhã de outono em Cardston, Alberta, Canadá. O jovem Vic Brown preferia estar nas campinas de Alberta, correndo com seu cavalo através do ar fresco da manhã, mas respeitava o pai. Sabia que lhe havia sido solicitado cortar mais lenha do que um jovem de sua idade deveria, realmente, ser capaz de cortar. Mas tinha sido aquele tipo especial de desafio de pai-para-filho — e desafio era algo de que Victor Lee Brown gostava, uma coisa que ele enfrentava corajosamente. A lenha era necessária na cozinha e para aquecer o lar da família Brown, e Victor sabia que cortar lenha não era apenas um desafio, mas uma daquelas necessidades pelas quais podia compartilhar a carga da

responsabilidade. Com o cabo liso do machado nas mãos jovens, ele começou a cortar. Enquanto brandia o machado, podia sentir o calor aumentar dentro de si com o trabalho. O barulho do machado na madeira e o cheiro das achas recém-partidas eram um pagamento parcial, mas o melhor veio cerca de cinco horas mais tarde, quando rachou a última tora e a empilhou. Era uma sensação cálida, embora mista de cansaço, saber que a tarefa fora bem feita. A apreciação do pai também foi calorosa e sincera, apenas mostrando um leve quê de surpresa por ter seu jovem filho sido capaz de realizar a tarefa de um homem feito.

Victor L. Brown estava servindo como primeiro conselheiro da presidência do seu quorum de diáconos por essa

ocasião; era um jovem que aceitava a responsabilidade e amava o desafio de uma tarefa inacabada. O futuro demonstraria reservar muitos grandes desafios para o jovem diácono de Cardston.

Hoje, Victor L. Brown é o bispo presidente d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. É o líder do Sacerdócio Aarônico e das Moças de idade comparável em toda a terra. Com amor, compreensão, organização, honradez, integridade e um contínuo desejo de completar todas as tarefas, ele se dedicou ao desafio de edificar o reino de Deus, preparando os jovens para aceitarem suas próprias responsabilidades como membros da Igreja.

O chamado do Bispo Brown como segundo conselheiro do bispo presidente, John H. Vandenberg, veio em setembro de 1961, da parte do Presidente David O. McKay. Então, em 9 de abril de 1972, o Bispo Brown foi designado pelo Presidente Lee como bispo presidente da Igreja. Desde 1972, como as outras Autoridades Gerais, ele dedica todo o seu tempo à Igreja.

Num dia normal de trabalho (e nenhum desses dias é, na realidade, normal), o Bispo Brown levanta-se às 5h e 30 min. ou 5h45 minutos. Faz um breve jejum e está sempre a caminho do escritório, às 6h30 minutos. Seus compromissos começam geralmente às 7 horas e ele raramente tem tempo de almoçar. O Bispo Brown reúne-se com frequência com seus conselheiros e semanalmente com a Primeira Presidência da Igreja, para debater muitos assuntos relativos a sua mordomia.

Ele é responsável por uma vasta e ampla rede de assuntos temporais relacionados com o funcionamento da Igreja. Adicionalmente aos seus deveres com as organizações do Sacerdócio Aarônico e Moças, o Bispo Brown é o presidente do Sacerdócio Aarônico sobre a terra e, portanto, o responsável como líder de todos os bispos da Igreja, que são os presidentes do Sacerdócio Aarônico nas alas da Igreja. É também encarregado do programa de

Serviços de Saúde e tem a tarefa extremamente importante de orientar o programa do Serviço de Bem-Estar. O Bispo Brown e seus conselheiros são responsáveis pelo recebimento dos dízimos e ofertas da Igreja e de reunir-se com a Primeira Presidência e Conselho dos Doze como membros do Conselho para a Disposição de Dízimos (conforme descrito na seção 120 de Doutrina e Convênios). O Escritório do Bispo Presidente é também responsável pelas fichas de membros da Igreja. A esta mordomia pesada e de longo alcance o Bispo Victor L. Brown dedica diariamente suas energias e talentos.

Uma noite por semana, o Bispo Brown e seus conselheiros, Bispo H. Burke Peterson e Bispo Vaughn J. Featherstone, reúnem-se com as organizações do Sacerdócio Aarônico e das Moças.

O Bispo Brown tem um amor genuíno e firme pelos jovens da Igreja e dedica hora após hora para o seu bem-estar. O Bispo Featherstone diz que o Bispo Brown, com frequência, recebe cartas de um rapaz ou moça da Igreja que se realizou, ou que está com algum problema e, no meio da leitura, pára, tira um lenço do bolso e enxuga as lágrimas. Tem muito orgulho dos jovens desta geração fabulosa e sentimentos amáveis e sensíveis quanto aos seus sucessos, como também uma preocupação amorosa para com seus fracassos.

O Bispo Brown e seus conselheiros se reúnem com frequência em seu escritório, a fim de debaterem os assuntos referentes ao Bispado Presidente da Igreja. Ambos os seus conselheiros concordam que o Bispo Brown tem um senso de humor maravilhoso e rápido.

Mas, no fundo, o Bispo Brown é um homem sério, enérgico e dedicado. O Bispo Peterson, primeiro conselheiro do Bispado Presidente, diz a seu respeito: "Os que o conhecem, que sabem o que faz bater seu coração, compreendem que ele possui um senso de dedicação só igualado por poucos homens que conhecemos. Ele sente realmente a responsabilidade do Sacerdócio Aarônico do mundo, o mesmo acontecendo com relação às moças. Isto não é algo sobre o que simplesmente

fala, mas é uma coisa pela qual perde o sono, algo com que se preocupa, sobre o que está pensando sempre. É tão dedicado, que raramente tira algum tempo para descansar."

O Bispo Featherstone diz a seu respeito: "Ele tem uma compreensão de sua mordomia como poucas pessoas na Igreja. Acho que, se os bispos compreendessem sua mordomia como presidência do Sacerdócio Aarônico em suas unidades, como o Bispo Brown compreende a sua presidência do Sacerdócio Aarônico em toda a Terra, veríamos uma elevação na atividade do Sacerdócio Aarônico e na atividade das moças como nunca anteriormente na história da Igreja."

O Bispo Brown tem muitas grandes qualidades de liderança, e seus conselheiros são os primeiros a salientá-las. O Bispo Peterson fala com muita admiração e respeito da sua grande capacidade de escutar. Diz ele: "Sempre me admiro de que o Bispo Brown tenha sempre os ouvidos atentos. Em meus anos de experiências comerciais, vi muitos grandes homens de sucesso fechar sua mente e não ouvir. Mas, embora o Bispo Brown seja um homem enérgico e com metas definidas, como qualquer deles, ele sempre toma tempo para parar e ouvir."

O Bispo Brown tem uma devoção tranqüila por sua família e um grande amor e dedicação pelos jovens da Igreja. Quando se pergunta que expressões descreveriam o bispo, sem falhar, as mesmas duas palavras são repetidas continuamente — honestidade e honradez.

Depois do jantar, o bispo dirige-se com sua pasta, para a sala da família. Poderá relancear os olhos por um jornal ou uma das revistas de negócios ou de notícias que estão sobre a mesa à sua direita, e então começará, novamente a trabalhar nos assuntos que se referem à sua mordomia. A Irmã Brown fica na sala lendo ou costurando, enquanto o bispo continua silenciosamente o seu trabalho. Ocasionalmente os olhos dela se levantarão para fitar o homem que ama — tão organizado, firme e dedicado. Observando-o em seu trabalho, sabe que ele tem muito a dar aos jovens.

Diz a irmã Brown: "Alguns jovens têm medo de não terem nada para oferecer aos outros, ou são tímidos demais para aceitar posições de liderança e responsabilidade. Creio que a vida de meu marido, assim como suas crenças, podem ser uma ajuda e uma inspiração.

"Tenho-o escutado dizer com frequência, ao receber uma nova designação: 'Admira-me ter sido escolhido. Sinto-me tão inadequado para o cargo!' E, com essa observação, ele se lança àquele determinado trabalho com todo o entusiasmo, dedicação e busca constante da ajuda do Senhor que podem ser concentrados por uma pessoa.

"Nesse ponto, observo dos bastidores, tanto com alegria como com tristeza, quando vejo seus esforços às vezes aceitos e outras rejeitados por aqueles cujo julgamento ele considera superior ao seu próprio. Mas sei que, com paciência e zelo, o trabalho será eventualmente realizado — nem sempre exatamente como planejado, mas sempre da maneira que o Senhor desejou."

A Irmã Brown continua: "Não sei se estas duas Escrituras são ou não suas favoritas, mas sei que ele vive pelos princípios que elas ensinam tão bem quanto qualquer pessoa que conheço. Ele acredita implicitamente no que Néfi diz em 1 Néfi 3:7: "E eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." Ele sabe também que a promessa do Senhor, em Doutrina e Convênios 82:10, é válida: "Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma."

"Essas crenças são uma influência orientadora e um testemunho para nossos filhos, e creio que podem constituir-se também para outros jovens."

E assim, com frequência, quando não está viajando para lugares distantes do mundo a serviço da Igreja, o Bispo Brown terminará o seu dia na sala da família, sentado em sua cadeira verde preferida, esforçando-se ainda por terminar sua tarefa.

Perguntas e Respostas

As respostas são para ajuda e perspectiva; não constituem pronunciamentos doutrinários da Igreja. “Deus ouve as orações de todos?”

“Deus ouve as orações de todos?”



Responde Irmão Merrill.

Há, pelo menos, duas diferentes formas de encarar a resposta a esta pergunta: “Deus ouve as orações de todos?” Uma delas é exemplificada pelo indivíduo que chamaremos de Érico. Dizem que ele é muito esperto e se orgulha de sua capacidade de esclarecer as idéias, explicando-as para as pessoas.

Ultimamente, Érico vem estudando a respeito dos diferentes países do mundo. Certa tarde, quando assistia a um filme sobre os países orientais, na

escola, ficou profundamente impressionado com o número de pessoas da Terra e como é variada a sua vida.

Refletindo, perguntou a si mesmo: Será que Deus realmente ouve as orações de todos? Depois de ponderar durante algum tempo, não conseguiu responder como alguém poderia realmente ouvir todas essas orações a um só tempo. “É simplesmente impossível; ele deve ter anjos, cuja designação seja ouvir por ele”, arrazoou. Esta resposta era lógica, mas, de alguma forma, sentiu-se um pouco mais afastado de seu Pai nos céus.

Ricardo é um bom exemplo de outro caso. Nascido na Igreja, Ricardo não era ativo até quase a maioridade. Nessa época, uma série de acontecimentos relevantes forneceram-lhe a circunstância necessária a fim de que se voltasse para o Evangelho. Após algumas semanas de leitura e oração, Ricardo havia adquirido um testemunho de Cristo e da veracidade do Livro de Mórmon. As pessoas lembravam-se dele, devido ao seu testemunho e o empenho em ser exemplar.

Certa noite, Érico e Ricardo falavam a respeito da Igreja. Disse Érico: — Sabe, uma coisa que me irrita na Igreja é que ela exige obediência cega.

— O que você quer dizer? — perguntou Ricardo.

— Bem, por exemplo, outro dia, estávamos falando em aula a respeito de oração, e mencionei

quantas pessoas há no mundo e disse que Deus não pode, possivelmente, ouvir todas essas orações. Ele deve ter outros que o façam por ele. O Irmão Edmundo disse que eu estava errado, e perguntei-lhe como é que ele sabia. Ele simplesmente citou um amontoado de Escrituras. Rapaz, que maneira de fugir do assunto — simplesmente fé cega.

— Isto é realmente interessante, mas discordo da idéia de fé cega — redargüiu Ricardo. — Há não muito tempo atrás, pensei a respeito do mesmo assunto. A primeira coisa que perguntei a mim mesmo foi: o que o Senhor já nos falou a esse respeito? Li algumas passagens em Doutrina e Convênios (veja D&C 88:62-63) e também encontrei uma importante declaração do Presidente John Taylor:

— A respeito desse assunto, é-nos dito que os cabelos de nossa cabeça são contados; que nem um passarinho cai ao solo sem ser notado por nosso Pai Celestial (Mat. 10:29) e, alicerçadas sobre alguns desses princípios, estão algumas coisas ensinadas por Jesus, nas quais conclama os homens a pedir que receberão. O quê! Os milhões que vivem sobre a terra? Sim, os milhões de pessoas, não importa quantos sejam. Pode ele ouvir e responder a todos? Pode atender a todas essas coisas? Sim.” (*Journal of Discourses*, vol. 26, p. 31.)

— Visto que já tenho um testemunho das Escrituras e dos profetas vivos, a coisa seguinte que desejava saber era qual o procedimento para compreender melhor a respeito de **como** Deus ouve e responde às orações.

— Tenho orado a esse respeito, e no último domingo de jejum, estava lendo a seção 88 de Doutrina e Convênios, a respeito da luz de Cristo e de como ela está em tudo e permeia todas as coisas. É claro que sei ser o nosso Pai Celestial um Personagem distinto, mas isto ensinava que o seu poder, espírito, glória e influência emanam através do universo e criam um canal por onde a luz e a vida são dadas a tudo o que vive. Ao pensar a respeito disso, acho que estou começando a compreender como nosso Pai pode estar em contato pessoal com todos os seus filhos. Concluí que Deus ouve a todos os que oram, mas, para que recebamos suas respostas, precisamos viver os mandamentos e procurá-lo. Não sinto que isso seja fé cega.

A conclusão de Ricardo satisfaz a um grande teste, porque se enquadra no que o Presidente Harold B. Lee disse em um discurso a respeito de revelação. Disse que somos muito semelhantes a um receptor de rádio; se nossa válvula do dízimo estiver quebrada, ou nossa válvula da retidão pessoal não estiver funcionando corretamente, nunca receberemos a mensagem enviada pelo Senhor. Pior ainda, poderemos estar sintonizando a emissora errada, pensando estar recebendo mensagens do Senhor, quando, durante o tempo todo, estão vindo de uma fonte errada.

Há um velho provérbio que diz, em resumo, que não é conhecer todas as respostas que indica a sabedoria de um homem, mas sim saber como perguntar as coisas certas.

Quais são as perguntas certas e como isto se relaciona à oração? A prece é a comunicação entre Deus e o homem. Quando oramos para obter conhecimento e sabedoria, nossas perguntas devem ser perguntas **fervorosas**.

Perguntas fervorosas procuram compreender, em vez de julgar. Quando Joseph Smith estava procurando, leu em Tiago 1:5: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.” Joseph leu também (o que esquecemos algumas vezes): “Peça-a, porém, com fé, não duvidando.” A Escritura prossegue, falando sobre o que hesita e duvida: “. . . Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa.”

Ricardo sabia como fazer perguntas; Érico não. A diferença? “Peça-a, porém, com fé, não duvidando.” Érico fazia uma pergunta julgadora e desafiante, não baseada na confiança e fé nas coisas que já havia recebido. “Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa.”

Ricardo não procurava julgar, mas sim compreender. É com fé e confiança que podemos aprender a seguir o conselho do Presidente Lee de aceitar e não duvidar do que o Senhor diz.

A fé, ao se procurar, traz conhecimento, sabedoria e luz.

Afirmo que Deus ouve todas as nossas orações; ele nos ama e procura comunicar-se conosco. Pre-

cisamos aprender a fazer as perguntas certas e, especialmente nas coisas de Deus, procurar compreender e não julgar.

Roger Merrill

Gerente de Desenvolvimento e Treinamento Organizacional

Corporação do Presidente.

“O que acontece quando um casal obtém um divórcio do templo? O que acontece aos filhos na vida futura?”



Responde Élder Cullimore

Em resposta à pergunta: “O que acontece, quando um casal obtém um divórcio do templo?”, devemos entender que não existe tal coisa como um divórcio do templo. O que consideramos como um divórcio do templo é, na realidade, o ato de cancelar um selamento do templo. Quando um casal é casado no templo, não satisfaz apenas à lei da

terra com relação ao casamento civil, mas são também selados para o tempo e toda a eternidade em uma relação eterna.

Um divórcio civil anula o casamento no que se refere à lei civil, mas somente através de um mandado do presidente da Igreja o selamento de um casal pode ser cancelado. É realmente ao cancelamento de um selamento que nos referimos, quando falamos a respeito de um divórcio do templo.

Quando é concedido um divórcio civil a alguém depois de ter sido selado no templo, ele precisa ser liberado pela Primeira Presidência, antes de obter uma recomendação para o templo, do seu bispo. Depois de ter sido fornecida uma autorização para divórcio pela Primeira Presidência, pode-se fazer uma petição, solicitando o cancelamento do selamento no templo ao Presidente da Igreja. Normalmente é a mulher que procura o cancelamento. Visto que uma mulher não pode ser selada a dois homens ao mesmo tempo, ela precisa obter um cancelamento do selamento de um, antes de poder ser selada a outro.

Quanto à pergunta seguinte: “O que acontece aos filhos na vida futura, quando houve cancelamento do selamento dos pais?”, compreende-se que no caso de um cancelamento do selamento da mulher com o homem, isto não cancela o selamento dos filhos aos pais, desde que nasceram no convênio, que é um direito inato. Eles permanecem na condição do selamento a seus pais e não podem nunca ser selados a ninguém mais. A decisão quanto a com quem eles ficarão, será determinada pelo Senhor na vida futura.

Com relação ao nascimento no convênio, o **Manual Geral de Instruções** declara: “As crianças nascidas sob convênio não podem ser seladas a ninguém mais, pois pertencem a seus pais naturais. Esta regra não é alterada por adoção, consentimento dos pais legítimos, pedido próprio após atingir a maioridade ou morte dos pais legítimos. (P. 106.)

Devemo-nos lembrar de que nascer no convênio é uma bênção inata, e que, se um filho permanecer digno das bênçãos celestiais nesta vida, a despeito das ações de seus pais, tem a garantia desse direito inato, assim como do parentesco eterno. Nisto, como em todas as coisas, a chave para a vida eterna é a

dignidade da pessoa nesta vida pelo cumprimento das leis do Evangelho e dos mandamentos.

Elder James A. Cullimore

Assistente do Conselho dos Doze.

“Devo pagar o dízimo do dinheiro que meus pais me dão, se eles já pagaram o dízimo sobre aquele dinheiro?”



Responde Bispo Brown

Devido às muitas perguntas a respeito do dízimo recebidas pelas Autoridades Gerais da Igreja, a Primeira Presidência dirigiu uma carta aos presidentes de estacas e missões, bispos e presidentes de ramos, datada de 19 de março de 1970. Indicaram a esses oficiais da Igreja a seção 119 de Doutrina e Convênios, versículos 3 e 4, que diz:

“E este será o princípio do dízimo do meu povo.

“... os que assim tiverem pago o seu dízimo, pagarão um décimo de todos os seus juros anuais; e isto lhes será uma lei perpétua, e para o meu santo Sacerdócio, para sempre, diz o Senhor.”

Depois de citar esta Escritura, a Primeira Presidência declarou: “Ninguém está justificado em emitir qualquer outra declaração além desta. Senti-

mos que todo membro da Igreja deve estar capacitado a tomar sua própria decisão quanto ao que acha que deve ao Senhor, efetuando, assim, o pagamento de acordo.” Entretanto, indicaram que “juros” são compreendidos como querendo dizer “renda”.

Ao término de cada ano, todo membro da Igreja é convidado a comparecer ao acerto do dízimo com seu bispo, ocasião em que este oficial deve ser informado se o membro paga ou não seu dízimo integral.

Os jovens devem orar e consultar seus pais, se tiverem quaisquer dúvidas sobre o que devem considerar renda e sobre quanto dízimo devem pagar. Podem também procurar o conselho de seu bispo.

O Senhor prometeu grandes bênçãos àqueles que pagam dízimos e ofertas. Lemos em Malaquias 3:8, 10:

“Roubará o homem a Deus? todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? nos dízimos e nas ofertas alçadas...”

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro... e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.”

O pagamento do dízimo é um assunto particular entre o membro individualmente e o Senhor, com o bispo, como o servo do Senhor, recebendo e prestando contas da contribuição.

Quando você tiver sido completamente honesto com o Senhor, um sentimento de paz se introduzirá no seu coração, e você não terá dúvidas de que é um pagador de dízimo integral.

Lembre-se da orientação do Senhor para pagar dízimos de todos os seus juros (ou renda); aconselhe-se com seus pais; reflita sobre as bênçãos prometidas àqueles que pagam seus dízimos e ofertas, e então tome sua própria decisão.

Ao esforçar-se por viver este e todos os outros mandamentos do Senhor, poderá esperar que o seu Espírito esteja com você para fortalecê-lo e orientá-lo em outras decisões de sua vida.

Bispo Victor L. Brown

Bispo Presidente.



ÁGUAS EM REDEMOINHO

Por Bernardine Beatie

Ilustrado por Sherry Thompson

Ching-kai tinha medo de muitas coisas — tempestades, sombras da noite, e latidos de cachorro. As alturas também o preocupavam, especialmente todas as vezes que ele tinha que cruzar a alta ponte pênsil sobre o rio que separava a fazenda de sua família do lugarejo das regiões montanhosas de Taiwan, onde ele e seu irmão mais velho, Wen-show, freqüentavam a escola.

“— **Kwi Dzo** (ande depressa), Ching-kai! —” gritava Wen-show para seu irmão mais novo, certa manhã. E então Wen-show correu atravessando rapidamente a ponte estreita e oscilante para encontrar-se com seu amigo, Ting-gwo, que estava esperando do outro lado.

Ching-kai respirou fundo, agarrou os corrimãos de corda e vagarosamente andou passo a passo sobre a estrutura balouçante e estreita.

“— A ponte não vai cair, Ching-kai —”, gritou Ting-gwo. “— Por que você está sempre com medo?”

“— Não sei —”, murmurou Ching-kai de cabeça baixa, quando encontrou seu irmão e o amigo do outro lado da ponte.

“— Ching-kai é criança —”, explicou Wen-show rapidamente.

“— Quando éramos da idade dele”, — disse Ting-gwo rindo, “— corríamos um atrás do outro atravessando a ponte!” — Então, dirigindo-se a Ching-kai, advertiu: “— Se não mudar, Ching-kai, quando crescer você será tão fraco e medroso quanto um coelho!”

O rosto de Ching-kai ruborizou-se de vergonha. Wen-show notou e pôs a mão de maneira compreen-

siva no ombro de seu irmãozinho: “— Amanhã não haverá aula, maninho. Vamos pescar?”

“— Yao (Sim)!” — gritou Ching-kai ansioso.

“— Posso ir também?” — perguntou Ting-gwo.

Wen-show deu de ombros: “— Se quiser.”

Naquele dia, na escola, Ching-kai sonhou em fazer um ato de grande bravura na pescaria. Sabia

que tal sonho era tolo, para alguém que tinha medo até de atravessar uma ponte alta. Ainda assim, mais do que qualquer coisa no mundo, queria que seu irmão mais velho se orgulhasse dele.

Na manhã seguinte, o céu estava escuro e havia uma imobilidade exânime no ar. Ching-kai estremeceu ao pensar nas histórias da grande tempestade durante o tempo de seu avô. O rio havia trans-



bordado, e a ponte e todos os edifícios da fazenda foram varridos para longe. Vovô e a família se salvaram, agarrando-se a alguns destroços, até conseguirem chegar a um terreno mais elevado. Ching-kai não desejava chegar perto do rio ou da ponte hoje, mas estava envergonhado de dizer isto a seu irmão. Deu um suspiro de alívio, quando, na hora do desjejum, **shien shung** (seu pai) disse que a pescaria tinha que ser adiada.

— “Tenho negócios na vila”, — explicou o pai. — “Sua mãe vai comigo visitar a irmã dela. Planejamos ficar lá esta noite; assim, alguém precisa ficar aqui para cuidar da fazenda. É possível que caia um temporal.”

Depois que os pais partiram, Ching-kai e Wen-show alimentaram as galinhas e coelhos. Estavam capinando a pequena horta nos fundos da casa, quando Ting-gwo veio correndo, trazendo uma vara de bambu e uma grande lata de minhocas.

— “Mas o tempo está clareando!” disse de modo convincente, depois de ouvir Wen-show explicar por que **shien shung** havia proibido e pescaria.

Wen-show olhou esperançosamente para o céu: — “Você está certo, Ting-gwo. Vamos, Ching-kai. **Shien shung** não se importaria”.

— “Ele nos disse que ficássemos em casa”, — Ching-kai lembrou aos outros garotos.

— “Você está com medo, Ching-kai, é por isso que não quer ir”, — desafiou Ting-gwo, e virou-se para Wen-show: — “Se você não vier, eu vou sozinho!” Virou-se e saiu em direção ao rio.

— “Espere, irei com você!” gritou Wen-show. — “Venha, Ching-kai” — instigou ele.

— “Não vá, Wen-show. Por favor!” suplicou Ching-kai — “O céu ainda está escuro no leste”.

— “Um pouco de chuva não nos vai machucar!” exclamou Wen-show. Ele suspirou: — “O que posso fazer com você, Ching-kai? Seus temores me fazem passar vergonha diante de meus amigos!” Wen-show pegou sua vara de pescar e correu atrás de Ting-gwo.

Ching-kai sentiu um nó na garganta. Seu irmão mais velho sempre o defendera anteriormente, mas agora sentia vergonha. **E não é à toa**, pensou Ching-kai sentindo-se aflito.

Logo começou um chuvisco. Ching-kai correu para trancar as portas dos barracões. Quando terminou e chegou de volta à casa, o chuvisco já se havia transformado em chuva forte, e o vento estava soprando com tanta força, que os topos das árvores quase tocavam o chão. Ele se encolheu num canto, tremendo e pensando em Wen-show e Ting-gwo. **Onde estão eles? Por que ainda não voltaram?** Imaginava.

Passou-se uma hora, e depois outra. Ching-kai estava louco de preocupação, à medida que aumentava a violência da tempestade. Finalmente se levantou. Não mais podia esconder-se como um

coelho, enquanto seu irmão e o amigo estavam em dificuldade. Quando Ching-kai abriu a porta da frente, a chuva parou de forma repentina. Mas, ao cruzar o terreno, um grande barulho ensurdecedor encheu seus ouvidos. O coração de Ching-kai disparou. Era o rio, correndo alto e rápido.

Gritos tênues chegaram aos ouvidos de Ching-kai, enquanto permanecia ouvindo as águas encapeladas. — “Wen-show! Ting-gwo!” — gritou, forçando-se a seguir a direção do som. Seus joelhos fraquejaram, quando viu que os postes que seguravam a ponte no outro lado da margem haviam sido levados pelas águas. Wen-show e Ting-gwo estavam agarrados aos destroços da ponte, sendo jogados de lá para cá pela água enfurecida, como pedaços de cortiça presos na extremidade de uma linha.

— “Puxe-nos, Ching-kai” A voz do irmão chegou a ele fracamente. Ching-kai observava como que enfeitiçado: A água redemoinhava à volta dos meninos e ele podia ver que logo os levaria. Engolindo o nó de medo na sua garganta, ele deu um passo adiante, então mais um, e outro.

— “Cuidado, Ching-kai!” gritou Wen-show. — “O rio socavou a margem”.

Ching-kai sentiu a terra tremer sob os pés. Estava tão assustado, que seus joelhos pareciam ter-se transformado em gelatina, mas ele deitou-se, estirado no chão e arrastou-se centímetro por centímetro em direção aos postes da ponte. Finalmente, seus dedos se fecharam à volta das cordas que seguravam a ponte. Puxou com toda a força. O destroço que boiava com os garotos em apuros moveu-se vagarosamente em direção à margem. Exatamente quando Ching-kai sentiu que seus braços iam ser arrancados das juntas, as cordas afrouxaram, e Wen-show e Ting-gwo engatinharam pela margem em sua direção.

Ching-kai ajudou os garotos tiritantes a se porrem de pé. Ninguém falou até chegarem em casa. Então, os olhos de Wen-show encontraram-se com os de Shing-kai: — “Se não fosse por você, irmãozinho, teríamos sido varridos pelo rio”.

— “**Ai Yo** (Ufa!)” suspirou Ting-gwo em agradecimento. — “Como eu estava errado em chamá-lo de fraco e medroso, Ching-kai. Você é tão corajoso quanto um leão!”

O rapazinho sorriu sem jeito. — “Não, continuando sendo um coelho, Ting-gwo. Tive que forçar-me a ir ao rio. Estava assustado — mais do que jamais estive antes.”

Wen-show riu. — “Nós também estávamos assustados, irmãozinho. Nunca compreendi antes, mas a bravura não é a ausência de medo. A bravura é ser capaz de enfrentar o medo e sobrepujá-lo!”

— “Você tem razão!” concordou Ting-gwo. — “Isto prova que você é corajoso, Ching-kai!”

Ching-kai deu um largo sorriso. — “Tentarei lembrar-me disto, quando a ponte for consertada.”

Então ele correu para a porta e abriu-a. — “Olhem!” gritou. — “Lá está o sol — a tempestade acabou.”

Em um país longínquo, muitos anos atrás, vivia um rei que era muito infeliz. Tinha muita terra e muitos servos.

Tinha muitas riquezas e ótimas roupas, assim como carruagens rápidas. Mas não era feliz.

Certo dia, disse o rei: — Talvez eu fosse feliz, se trocasse a cor das cortinas de veludo da sala do trono. O azul real seria uma tonalidade melhor. E todos os servos do palácio real correram para trocar a cor das cortinas de veludo da sala do trono.

Quando isto estava feito, o rei sentou-se em seu trono e olhou para os belos reposteiros azuis de veludo caindo em pregas, e gostou do que viu. Mas não ficou feliz.

Talvez se meu manto tivesse pele de coelho branca, isto me fizesse feliz, pensou o rei. Assim, todos os caçadores de pele do rei apressaram-se e apanharam coelhos suficientes para adornar o manto real com pele de coelho. O rei sentou-se, então, em seu trono trajando o manto real, enfeitado com a pele de coelho, e todo o povo o admirou. Mas ele não estava feliz.

Disse o rei: — Talvez se eu tivesse seis cavalos em vez de quatro para puxar minha carruagem pelas ruas, então eu me sentisse feliz. — Os servos que se encontravam nos campos, trouxeram outro par de ótimos cavalos brancos para a carruagem dourada do rei, e ele passeou pelas ruas com seis cavalos puxando-a. Embora o povo sorrisse e acenasse para ele, o rei ainda não estava feliz.

Certo dia, um homem sábio disse: “— Oh, Majestade, há muitas pessoas em seu reino que não têm nem a metade de suas riquezas, e no entanto, são felizes. Talvez se pudesse usar a camisa de um

Você é Feliz?

Por Mabel Jones Gabbott

Ilustrado por Howard Post





deles, isto poderia torná-lo feliz também". O rei pensou a respeito desta sugestão e decidiu que era uma boa idéia. Assim, vestiu-se com roupas velhas e saiu a pé, para percorrer seu reino, procurando um homem que fosse perfeitamente feliz.

O primeiro homem que encontrou estava pescando em um barquinho num belo lago azul. O rei acenou-lhe, e o homem remou até a praia.

— “Você é feliz?” perguntou o rei.

— “É claro”, disse o homem.

— “Você está certo de que é perfeitamente feliz?” repetiu o rei.

— “Bem”, disse o homem, “se eu tivesse um barco maior, poderia ir para mais longe e conseguir peixes maiores. Então eu seria mais feliz ainda.”

— “Sinto muito”, disse o rei, e prosseguiu.

O homem seguinte que encontrou estava cortando madeira na floresta, com um grande machado. — “Você é feliz?” perguntou o rei.

— “É claro”, disse o homem.

— “Você está certo de que é perfeitamente feliz?” perguntou o rei.

— “Bem”, disse o lenhador, “— se eu tivesse uma serra que funcionasse sozinha e cortasse mais rápido, eu seria mais feliz.”

— “Sinto muito”, disse o rei.

O homem seguinte que ele encontrou estava arando um campo com um arado manual e puxado por um único boi. O sol estava brilhando, o fazendeiro assobiava, os passarinhos seguiam-no nos sulcos que deixava para trás, e uma leve brisa agitava o capim ao longo da rampa pela qual passava o arado.

— “Você é feliz?” perguntou o rei.

— “Sim”, disse o homem, enquanto passava assobiando.

— “Você é perfeitamente feliz?” perguntou o rei. — “Não desejaria ter uma boa parrelha de cavalos para puxar seu arado?”

— “Não”, disse o homem. — “Gosto do ritmo calmo do meu fiel amigo, e aprecio sentir o cheiro do ar puro. Gosto de ver a terra rica transformar-se em sulcos e dá-me prazer assobiar juntamente com os passarinhos.”

— “Ah”, disse o rei de si para si. — “Aqui está um homem perfeitamente feliz.” Dirigindo-se ao fazendeiro, o rei perguntou: — “onde está sua camisa para que eu possa tomá-la emprestada?”

— “Oh”, disse o homem feliz, — “não tenho camisa, pois não preciso de nenhuma. O sol é quente, a terra arada é macia sob meus pés, as brisas mantêm o ar agradável, os pássaros cantam comigo quando ando e sou perfeitamente feliz”. O homem iniciou, então, uma nova carreira.

— “Espere”, disse o rei. E tirou sua camisa, colocando-a no chão. Lançou mão do arado e trabalhou o dia inteiro com o homem. O sol o esquentou, os pássaros cantaram para ele, e o homem lhe falou das coisas boas e belas da terra.

E o rei sentiu-se feliz.



NO CAMINHO



DE UM AMIGO PARA OUTRO

Por Élder Marvin J. Ashton
do Conselho dos Doze



Tive, certa vez, um amigo que era caçador de pumas. Gostava de selar seu cavalo favorito, amarrar o alforje e certificar-se de que seu fuzil estava limpo e pronto para disparar instantaneamente.

Um dia, quando o visitava, notei que possuía um enorme cachorro de caça amarrado a um dos galpões. “É uma beleza”, comentei.

“— Tenho que vendê-lo”, respondeu meu amigo. “— Não posso preocupar-me com ele.”

“— Por quê? Qual é o problema?” — perguntei surpreso.

Meu amigo caçador de pumas explicou que desde que era um filhotinho, o cachorro havia sido treinado para seguir o rastro de pumas. “— Ele sabe o que espero dele”, continuou o homem, “— mas na última vez que fizemos uma caçada de três dias, ele saiu atrás de um gamo, depois perseguiu um coiote, e finalmente alguns coelhos, e ficou longe quase um dia inteiro. Ele sabe que precisa ficar no rastro do puma, para ser um dos meus ajudantes. Nosso negócio é com pumas, e este cachorro é ruim para os negócios. Agora está à venda, e bem barato.”



Senti pena daquele cachorro belo, saudável, e no entanto, desobediente. Ele não conseguia ficar no caminho que lhe garantiria lugar com seu senhor.

Fazendo um retrospecto de minha vida quando era apenas um rapazinho, lembro-me de como às vezes me era difícil fazer o que meus pais pediam. O beisebol e o basquetebol eram mais divertidos do que estudar saxofone, e havia ocasiões em que eu não via o valor de se ir a todas as reuniões da Igreja. Estou grato a meus pais por me terem ajudado a manter-me no caminho do Mestre, até que estivesse suficientemente maduro para escolher o certo por mim mesmo.

Nosso Pai Celestial nos explicou quão importante é ser obediente. "E o meu povo precisa ser castigado até que aprenda a ser obediente, ainda que seja pelas coisas que agora sofre." (D&C 105:6.)

Nossa mãe, pai, professores e nossos amigos muitas vezes nos repreendem. Ou podemos ter que fazer algo de

que realmente não gostamos de fazer (sofrer), para que possamos tornar-nos os cidadãos maduros e obedientes que o Senhor deseja.

Em toda nossa volta, a natureza demonstra o valor de fazermos o que é certo. Se os esquilos não armazenarem alimento durante o verão, morrerão de fome no inverno. Se os passarinhos não construírem ninhos adequados antes de pôrem os ovos, os filhotinhos morrerão.

Como filhos de um Pai Celestial que nos ama, sabemos que, se guardarmos os seus mandamentos, receberemos as recompensas que ele tem para nós. Se obedecermos a nossos pais, seremos abençoados com a força necessária para tomarmos decisões acertadas e, algum dia, também poderemos nos tornar pais bons e cheios de amor, ensinando o que é certo a nossos filhos.

Estou grato que entes queridos, bons professores e amigos não tenham deixado que eu me afastasse da trilha da verdade e da justiça, do caminho da obediência.



SÓ PARA DIVERTIR

QUEBRA-CABEÇAS DOS PONTINHOS



SENHORITA SUZANA DAS FORMAS

Por Graham Tether

Esta é a senhorita Suzana das Formas. Cada uma das partes de seu corpo é composta de formas diferentes. Veja sua cabeça redonda. Ela é chamada de **CÍRCULO** ●. Às vezes, a lua aparece redonda como sua cabeça. Nessas ocasiões, ela é chamada de lua cheia. Às vezes, ela fica com a forma de uma boca ☺. Aí, é chamada de lua **CRESCENTE**.

Suzana está sorrindo porque se diverte numa festa. O chapéu que usa na festa é um **TRIÂNGULO** ▲. Seu nariz também é um triângulo.

Você sabe qual é a forma de seus olhos? Eles são **ESTRELAS** ★★.

Os amigos de Suzana estão todos na festa. É por isso que seu **CORAÇÃO** ♥ está batendo bam-bam-bam. Você é capaz de encontrar seu coração?

O pescoço e braços de Suzana são **LINHAS RETAS** —. Olhe para suas pernas.

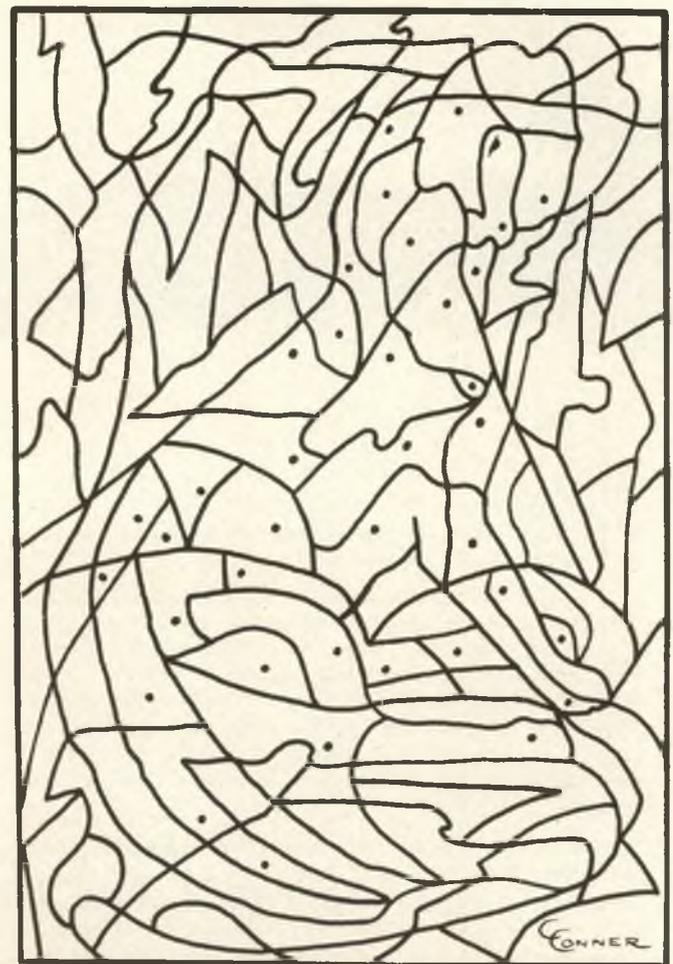
Eles são **ESTRELAS** ■■■.

Suas mãos e pés têm todos a mesma forma. São chamados de **OVAIS** ○○.

Suzana está usando os brincos de sua mãe na festa. Eles têm a forma de **LOSANGOS** ◊. Os botões de sua blusa são **QUADRADOS** ■.

Ligue os pontinhos e encontrará um animal que gosta de amoras e de mel.

Por Carol Conner



QUEBRA-CABEÇAS DOS PONTOS

Por Carol Conner

Pinte cada um dos espaços que contenha um ponto.

O Papel da Sociedade de Socorro nos Serviços de Bem-Estar

Barbara B. Smith

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

Sessão de Bem-Estar da 145ª Conferência Geral Semi-anual, realizada a 4 de outubro de 1974.

As irmãs podem aprender os princípios e habilidades da preparação familiar através da participação ativa na Sociedade de Socorro



empenho o contínuo apoio, assim como o esforço das mulheres da Igreja, com o objetivo de levar avante o grande programa dos Serviços de Bem-estar.

A Sociedade de Socorro desempenha um papel muito importante nos Serviços de Bem-Estar. Por mandamento do Senhor através de seus profetas, a Sociedade de Socorro recebeu a designação de ajudar no planejamento e execução do programa dos Serviços de Bem-Estar. Para cumprir nossa mordomia relativa ao bem-estar, a Sociedade de Socorro trabalha com o Sacerdócio em todos os níveis da Igreja. A presidência geral da Sociedade de Socorro trabalha com o Bispado Presidente; uma das presidentes da Sociedade de Socorro de estaca trabalha com os líderes dos Serviços de Bem-Estar do Sacerdócio da área e região; a presidência da Sociedade de Socorro da estaca trabalha com a presidência da estaca; e a presidência da Sociedade de Socorro da ala trabalha com o seu bispado.

Em uma conferência da Sociedade de Socorro realizada em 1946, Harold B. Lee, que então pertencia ao Conselho dos Doze, falou a respeito de um estudo feito nos primeiros dias do plano de bem-estar entre os que precisavam de assistência deste plano. A Igreja descobriu, nas famílias pesquisadas, que a maioria dos pais não eram trabalhadores altamente habilitados. Suas esposas não possuíam muitas das habilidades domésticas e de administração do lar, que as ajudassem a cuidar dos recursos disponíveis para a família. Poucas tinham aprendido as prendas que as ajudariam a ser independentes. (Veja a *Relief Society Magazine*, dez. 1946, pp. 809-17.)

Se quiserem ter sucesso na implantação do programa dos Serviços de Bem-Estar para a preparação da família, as mulheres precisam desenvolver as qualidades de industriiosidade, economia, independência, trabalho e prudência — qualidades que, se aplicadas, ajudarão a fortalecer os indivíduos e famílias com um firme sentimento de autoconfiança contra os dias de necessidade.

Para poder enfrentar o desafio feito a toda família da Igreja para que esteja preparada, a Sociedade de Socorro está aumentando seus esforços para ajudar as irmãs da Igreja das seguintes maneiras:

Através de seu programa educacional, a Sociedade de Socorro fornecerá cursos complementares e novos sobre assuntos relacionados ao bem-estar em todas as classes. Neles encontramos lições a respeito de administração do dinheiro, do lar e do tempo, assim como enfermagem doméstica. Ajudando as mulheres a adquirir conhecimento e habilidades, muitos problemas poderão ser evitados ou sobrepujados.

Ofereceremos um programa de instrução para as presidências da Sociedade de Socorro de estacas e alas, mostrando como as oficiais da Sociedade de Socorro podem exercer suas designações com mais eficácia e eficiência, conforme são apresentadas no *Manual dos Serviços de Bem-Estar*.

Forneceremos também instruções detalhadas às professoras visitantes, para que possam ser mais sensíveis às necessidades daqueles que visitam e mais alertas às condições que devem ser relatadas ao bispo através da presidente da Sociedade de Socorro, para que sejam tomadas providências de bem-estar.

Dedicaremos parte da sessão da Sociedade de Socorro nas reuniões regionais aos serviços de bem-estar.

Encorajaremos as participantes da Sociedade de Socorro a fazer parte de projetos e atividades de bem-estar.

Um fato que me foi narrado há pouco tempo atrás, ilustra a ação cooperativa da Sociedade de Socorro e do Sacerdócio ao trabalharem juntos na família da Igreja para o benefício dos filhos e filhas do Senhor sobre a terra.

Certo dia de inverno, duas professoras visitantes chegaram à casa de uma família que se mudara havia pouco tempo para a ala. Não houve resposta imediata às batidas na porta, mas, sentindo-se impelidas a tentar novamente, as professoras visitantes bateram uma segunda, e uma terceira vez.

A porta finalmente se abriu alguns centímetros, mostrando uma mulher e uma criança vestidas com casacos e pijamas. As professoras visitantes foram convidadas, com relutância, a entrar na casa gelada. Em resposta às suas perguntas, feitas com compreensão e cui-

Queridos irmãos, aprecio o panorama do programa dos Serviços de Bem-estar que foi esboçado nesta excelente apresentação feita pelo Bispado Presidente para a família terrena do Senhor. Compreendemos a importância da unidade básica da sociedade, a família. No âmbito da família encontra-se o pai, o portador do Sacerdócio, que é o cabeça governante da família e seu oficial presidente. Ele elabora um plano de ação para a família, um projeto desenvolvido e esquematizado em correlação e cooperação com os demais familiares, com o propósito de ser uma bênção para a família toda.

Estou satisfeita de representar a parte feminina da família da Igreja nesta reunião. Reafirmo, com entusiasmo, a sabedoria do plano do Sacerdócio, e

dado, a mulher revelou, lacrimosa, a situação da família.

O marido, que ainda estava na faculdade, encontrava-se muito doente e internado na unidade de tratamento intensivo de um hospital. As contas do médico e do hospital haviam levado as economias que o casal fizera durante anos, para que ele pudesse continuar os estudos.

Quando seu suprimento de combustível para o aquecedor terminara, a jovem esposa e a criancinha haviam permanecido na cama para se esquentar, e a mãe estava tentando fazer com que um litro de leite e meio filão de pão durassem o resto do mês.

As professoras visitantes ofereceram ajuda e então a irmã disse: “— Meu marido tem muito amor-próprio; ele não quereria aceitar caridade.

As professoras visitantes explicaram prudentemente que o programa de bem-estar do Senhor não é algo que roube do seu recebedor o orgulho ou a independência, mas sim, contribui para eles. Através de persuasão gentil e amorosa, a jovem esposa finalmente permitiu que se telefonasse à presidente da Sociedade de Socorro.

Dentro de pouco tempo, chegaram tanto a presidente da Sociedade de Socorro como o bispo àquele lar. Logo receberam combustível, o fogão foi aceso, providenciada comida quente, e preparada uma lista de alimentos. O bispo visitou então o marido no hospital, encorajando-o com o fato de que sua família estava bem cuidada. Recebeu uma bênção, na qual o jovem foi tranquilizado quanto à sua própria condição. Daquele momento em diante, ele começou a melhorar. A conselheira

educacional da Sociedade de Socorro que fora designada para o bem-estar pessoal, deu à esposa sugestões sobre como administrar melhor os recursos limitados da família e trabalhar pelas mercadorias recebidas.

Como mulheres nesta família da Igreja, fomos instruídas a “estender nossas mãos aos pobres e necessitados”, a “melhorar a situação de nossos lares”; pois, através dessa participação, tanto aqueles que são ajudados como os que ajudam crescem. A Sociedade de Socorro pode fazer muito como organização para aperfeiçoar a ala e o preparo da família. Nós pedimos que nos permitam trabalhar com vocês.

Testifico-lhes que nos regozijaremos na oportunidade de servir neste grande encargo com todo nosso coração, mente, poder e força. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discernimentos

Todo santo dos últimos dias tem discernimento — sabedoria obtida ao procurar respostas para os problemas, ao buscar diretrizes pessoais, ao estudar e aplicar os princípios do Evangelho, ou da experiência acumulada. Cremos que eles devem ser compartilhados. Convidamos os leitores a que contribuam.

O DOM DA PAZ

“Somente poderemos dar-nos uns aos outros, quando nos mantivermos propensos a dar. Um marido que se encontra preso no pecado, não pode dar-se à sua esposa, porque não tem a si mesmo para dar. Uma esposa que se tenha escravizado ao ódio, não se pode dar ao seu marido. Nem podemos dar retidão e paz aos nossos filhos, quando não as temos para dar...”

O melhor meio de obter a paz é através de uma obediência pessoal ao Príncipe da Paz. Para que um bom cristão se torne perfeito, tem que ter uma consciência limpa. Com um bom programa de compreensão e uma íntegra fé pessoal, cresce na alma uma serenidade e paz que suplantam em muito os mais satisfatórios prazeres carnis. A paz e a boa vontade estão entre as mais agradáveis das delícias terrenas. Afortunadamente, os pobres podem obter a paz com tanta facilidade quanto os ricos, o pária social a obtém tão livremente quanto um líder da sociedade, e o cidadão mais humilde pode ter uma paz semelhante àqueles que exercem o maior poder político.”

Elder Sterling W. Sill
(Christmas Sermons, Deseret Book Company, 1973,
pp. 57, 26.)

QUÃO FAMILIAR É O SEU ROSTO

“Alguns anos atrás, conhecíamos bem o nosso Irmão mais velho e nosso Pai nos céus. Regozijamo-nos com a oportunidade que logo teríamos de uma vida terrena que nos possibilitaria obter uma plenitude de alegria como eles possuíam. Mal podíamos esperar para demonstrar a nosso Pai e nosso Irmão, o Senhor, o quanto os amávamos e como lhes seríamos obedientes, a despeito da oposição terrena do maligno.

E agora estamos aqui — nossas lembranças estão veladas — e estamos demonstrando a Deus e a nós mesmos o que podemos fazer. E nada nos irá surpreender mais, ao passarmos para o outro lado do véu, do que compreender quão bem conhecemos nosso Pai e quão familiar nos é o seu rosto. E então, como disse o Presidente Brigham Young, vamos ficar imaginando por que fomos tão tolos na carne.

Deus nos ama. Ele nos está observando, deseja que tenhamos sucesso, e algum dia saberemos que ele não deixou de fazer nada que fosse para o bem-estar eterno de cada um de nós. Se nós soubéssemos: existem hostes celestiais torcendo por nós — amigos nos céus dos quais não nos podemos lembrar agora, que anseiam por nossa vitória. É hoje o nosso dia de demonstrar o que podemos fazer — que vida e sacrifício podemos, diária, horária, instantaneamente, oferecer a Deus. Se nos dermos completamente, obteremos tudo, do maior de todos.”

Presidente Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze,
Discurso Devocional na Universidade de Brigham
Young, 10 de dezembro de 1974.

UM ENIGMA IDENTIFICAÇÃO

Por John A. Tvedtnes

Cada uma destas declarações pode ser usada para descrever uma ou mais pessoas, tanto da Bíblia como do Livro de Mórmon. Veja se pode preencher o espaço em branco com dois nomes para cada descrição, um da Escritura do Velho Mundo e outro do Novo Mundo. Se, ao final, você tiver conseguido descobrir mais personagens da Bíblia do que do Livro de Mórmon, talvez tenha descoberto seus pontos fracos e fortes no que se refere a conhecimento das Escrituras. Se soube corretamente ambas as respostas todas as vezes, não se esqueça de estudar Doutrina e Convênios e a Pérola de Grandê Valor.

- _____ recebeu uma manifestação celestial, enquanto viajava para perseguir a Igreja.
- Como um rapazinho, _____ tornou-se comandante de todo o exército.
- _____ construiu um navio e navegou de um continente para outro, a fim de escapar à destruição de seu lar.
- _____ deixou seu lar para encontrar uma terra prometida.
- _____ abençoou seus filhos antes da morte, dizendo-lhes o que aconteceria a eles e seus descendentes.
- _____ escreveu uma epístola tratando da fé, esperança e caridade.
- _____ previu a destruição de Jerusalém pelos babilônios (caldeus).
- _____ viajou de cidade em cidade, pregando o Evangelho e pondo a Igreja em ordem.
- _____ foi um rei que enviou príncipes como missionários.
- _____ ofereceu a Deus uma oração num jardim.
- _____ venceu seu inimigo em um combate singular e cortou sua cabeça.
- Por ordem do rei, _____ foi atirado ao fogo, a fim de ser executado.
- _____ foi um homem que não pertencia à linhagem real, a quem foi oferecido o reinado, e não o aceitou.
- _____ voltou à terra de seus pais e tirou seu povo do cativeiro.
- _____ levou todo seu exército à destruição.



Bíblia	1. Saulo (Paulo) (Atos 9:1-5)	Alma o Filho, e os filhos de Mosiah, (Mosiah 27:8-19)
	2. Davi (1 Sam. 18:5)	Mormon (Morm. 2:1-2)
	3. Noé (Gên. 7-8)	Lehi, Nêfi (1 Né. 17-18; 1:18)
	4. Abraão (Gên. 12:1-5)	Lehi (2 Né. 2:4, 18:8)
	5. Jacó (Israel) (Gên. 49)	Lehi (2 Né. 1-4)
	6. Paulo (1 Cor. 13)	Mórmon (Morô. 7)
	7. Isaias, Jeremias (Isa. 39:5-7) (Jer. 21:3-10)	Lehi e "muitos outros" (1 Né. 1:4, 13)
	8. Paulo (Atos 13-38; vide também suas epístolas)	Alma, o Filho (Al. 5-16, 29-35)
	9. Josafá (2 Crôn. 17:7-10)	Mosiah (Mosiah 28:1-9)
	10. Jesus (Mat. 26:36; Jôo. 18:1-2)	Nêfi (Hel. 7:10-11)
	11. Davi (1 Sam. 17:40-57)	Coriantumr (Ét. 15:29-31)
	12. Sadraque, Mesaque e Abednego (Dan. 3:8-30)	Abinadi (Mosiah 17)
	13. Gideão (Jerubaal) (Jut. 8:22-23)	Alma, o Pai (Mosiah 23:6-14)
	14. Moisés (Éxo. 3:14)	Amon (Mosiah 7-8, 22)
	15. Farão (Éxo. 14:23-28)	Shiz, Coriantumr (Ét. 14-15)



SETENTAS: UMA HISTÓRIA PRECIOSA

Pelo Élder S. Dilworth Young
do Primeiro Conselho dos Setentas

Na sexta-feira, 4 de outubro de 1975, ouvimos a voz do Presidente Spencer W. Kimball no grande Tabernáculo na Cidade do Lago Salgado, quando deu abertura à 145.ª Conferência Geral Semi-Anual da Igreja.

Também naquela manhã foi irradiada para muitas partes do mundo, sendo repetida, à meia-noite, sua voz em um anúncio solene:

“Anunciamos-lhes hoje a designação de quatro novas autoridades gerais para ajudar a levar avante a obra do Senhor, especialmente na área missionária.

“O Élder Gene R. Cook... tornar-se-á um membro do Primeiro Conselho dos Setentas. O Primeiro Quorum dos Setentas será organizado de maneira gradual, eventualmente com 70 membros, cuja presidência será composta dos sete membros.

“Serão adicionados hoje três irmãos ao Primeiro Quorum dos Setentas. São eles Charles A. Didier,... William Rawsel Bradford,... Élder George Patrick Lee...”

O quorum deverá ser aumentado até alcançar o total de 70. Os três novos membros são setentas chamados de muitos lugares e se tornam autoridades gerais da Igreja.

A organização do Primeiro Quorum dos Setentas foi feita há 140 anos. Igualmente solene (e incomum) foi a organização feita naquele dia.

A 7 de fevereiro de 1835, Joseph Smith, o Profeta, dirigia-se para casa depois do serviço regular da Igreja. Com ele estavam Joseph e Brigham Young, que haviam sido



convidados para cantar para ele. Os irmãos Young eram excelentes cantores e seus duetos eram muito apreciados pelo Profeta.

Foi então que o Profeta disse a Brigham Young que convocasse uma reunião para o domingo seguinte, 14 de fevereiro, declarando sua intenção de organizar os Doze Apóstolos. Passou algum tempo explicando a organização dos Doze e então disse a Brigham que ele seria um deles; depois,

voltou-se para Joseph e disse: “E você deverá ser um presidente dos setentas.”

Esta foi a primeira vez que o significado da palavra “setenta” foi explicado desde que o Salvador enviara “outros setenta.” (Lucas, cap. 10.)

O Profeta prosseguiu, dizendo que os Doze e os Setentas deviam ser escolhidos entre os membros leais do Acampamento de Sião. Estes homens haviam feito um sacrifício aceitável diante do Senhor. Havia oferecido sua vida, quando necessário, para a redenção da terra de Sião.

Durante as reuniões realizadas naquela primavera, o Quorum dos Setentas foi organizado. Houve certo desentendimento relativo à organização do quorum e ao direito do Sacerdócio sob o qual ele era organizado. Esses homens eram recém-convertidos à Igreja, vindos das igrejas cristãs.

Houve muita controvérsia a respeito dos poderes do Sacerdócio entre os sumos-sacerdotes e os setentas que haviam sido chamados como presidentes do quorum. Como resultado de tal disputa, o Profeta tirou seis dos membros da presidência do quorum dos setentas e enviou-os de volta ao seu quorum de sumos-sacerdotes. Joseph Young permaneceu no conselho e tornou-se o presidente sênior, com os seis seguintes chamados para servir com ele: John Gould, James Foster, Daniel S. Miles, Josiah Butterfield, Salmon Gee e John Gaylord.



Charles A. Didier



William Rawsel Bradford



Elder George Patrick Lee

Em seus dias, Joseph Smith organizou 3½ quoruns de setentas. O segundo, terceiro e metade do quarto foram organizados sem presidentes. Os presidentes do Primeiro Quorum presidiam sobre eles, assim como sobre o Primeiro Quorum.

Em 1845, depois da morte do Profeta Joseph Smith, o Quorum dos Doze reorganizou os setentas. Um total de 10 quoruns foram organizados dentre os élderes abaixo de 35 anos de idade. Seus presidentes foram escolhidos dos 63 membros do Primeiro Quorum.

Assim, os primeiros sete presidentes presidiam sobre o Primeiro Quorum e sobre todos os setentas em geral, e os 63 membros do Primeiro Quorum foram divididos em nove quoruns. Ficou entendido que, quando houvesse necessidade de uma reunião do Primeiro Quorum, esses nove grupos de presidentes reunir-se-iam novamente como Primeiro Quorum.

Então os santos se mudaram para o Oeste. Os membros desses 10 quoruns foram espalhados entre as colônias da nova terra. Tornou-se impossível reunir a maioria de qualquer quorum para realizar uma reunião. Não havia transferência dos membros de um quorum para outro.

Em 1883, o Presidente John Taylor reorganizou todos os quoruns. Designou cada um para uma estaca e instruiu que todos os setentas fizessem parte dos quoruns nas estacas em que viviam.

Adicionalmente declarou que, em caso de ser necessário que o Primeiro Quorum se reunisse, o presidente sênior dos primeiros sessenta e três quoruns poderia constituir o Primeiro Quorum. Este arranjo nunca foi posto em ação, seja pelo Presidente Taylor ou seus sucessores.

À medida que os anos se passaram, não houve nenhuma necessidade evidente do Primeiro Quorum. A revelação que o constituiu em 1835 diz:

“Os setentas são também chamados para pregar o Evangelho, e ser testemunhas especiais aos gen-

tios no mundo todo — diferindo assim dos outros oficiais da Igreja no que diz respeito aos deveres do seu chamado.

“E eles formam um quorum igual em autoridade ao das Doze testemunhas especiais ou Apóstolos, há pouco mencionados.” (D&C 107:25, 26.)

A organização da Igreja era tão pequena naquela época, que não havia necessidade de ajudar os Doze. Os homens podiam ser chamados para missões sem pertencer a um quorum. Organizar missões e conversos eram os principais objetivos.

Através dos anos, em vista de não haver necessidade imediata de ajuda aos Doze, o Primeiro Quorum não foi organizado. Pode-se entender isto, quando tão recentemente quanto na década de 1930, era costume enviar duas das autoridades gerais para uma conferência trimestral de estaca. Membros da Primeira Presidência ou do Quorum dos Doze serviam como presidentes de auxiliares.

O crescimento da Igreja durante os últimos 30 anos foi fenomenal. Conforme aumentou o número de membros de estacas e missões, a necessidade de mais autoridades gerais tornou-se evidente. Para assistir na supervisão de estacas, foram chamados assistentes dos Doze. Esses importantes auxiliares também supervisionavam as missões, pois estas também aumentaram. A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze Apóstolos precisavam definir o tipo de ajuda de que elas necessitavam.

Evidencia-se que estamos na época de empreender um grande esforço para expandir a obra. Na primavera de 1975, as missões foram aumentadas em mais de 30. O número de missionários chamados cresceu enormemente. Atualmente, o número de missões é de 133, enquanto o número de missionários totaliza mais de 21.000. (Isto não inclui os milhares de missionários de estaca.) Os projetos para o futuro imediato apresentam um espetacular crescimento adicional, tanto de missões como de missionários.

O Presidente Spencer W. Kimball indicou a direção de nossos esforços. Precisamos “ampliar nosso passo” e aumentar nosso esforço. O mundo precisa ser advertido, e aqueles que a receberão precisam ouvir a mensagem.

Os jovens são admoestados a que devem considerar como parte de seu serviço à Igreja manter-se limpos e cumprir missões. Não é uma escolha entre qual opção será mais proveitosa: ir para a missão ou para a faculdade. Mas, em vez disso, a decisão de fazer uma missão e depois cursar a faculdade.

Em cada geração, quando cada um dos presidentes da Igreja avaliou suas responsabilidades, ele fez mudanças na estrutura organizacional da Igreja para melhor alcançar as coisas que foi inspirado a realizar. Isto está em perfeito acordo com a revelação moderna.

Em termos simples, a revelação moderna é a revelação dada hoje em dia ao profeta vivo. Ele não está limitado a uma organização que foi conveniente para a Igreja em 1830, 1840, 1870 ou 1950.

Se ele não pudesse satisfazer as mudanças do mundo e da Igreja à medida que se apresentam, tornar-nos-íamos tão limitados quanto eram os antigos israelitas, que acreditavam não se poder desviar das regras estabelecidas por Moisés. Como resultado, viviam numa condição social que não era adequada à sua época 1000 anos mais tarde.

A Primeira Presidência e os Doze organizaram o Primeiro Quorum dos Setentas, para satisfazer as necessidades da época atual em harmonia com as revelações que governam os setentas.

Conforme a necessidade, o quorum será aumentado em número até que alcance o total revelado de 70 homens. Depois, se houver necessidade e o profeta assim decidir, serão organizados um segundo e um terceiro, até que haja o suficiente para fazer o trabalho peculiar exigido deles, conforme a Igreja cumpra a profecia e o reino de Deus preencha toda a terra.



VOCÊ É COMO UMA MÃE

Ardeth G. Kapp

O presidente da estaca pediu que eu a procurasse. Ele disse que você entenderia meu problema, visto que também não tem filhos.

O tom de sua voz revelava uma atitude de ressentimento, enquanto ela permanecia e falava ali, na porta da frente. Embora fôssemos estranhas naquele momento, reconheci-lhe o sentimento que era a capa de um coração angustiado. Durante as várias horas que se seguiram, ela expressou-me seus pensamentos mais íntimos. Chorava ao falar dos filhos que lhe foram negados.

Ela veio a mim como uma estranha, mas, compartilhando preocupações profundamente pessoais, tornamo-nos irmãs; e eu estava agradecida que meu presidente de estaca tivesse tido a inspiração de enviar-me essa jovem sensível. Quando estava de saída, voltou-se e olhou para mim. Houve um breve momento de silêncio. Então, num tom agradecido, disse: — O presidente da estaca estava certo. Você realmente entende. Obrigada.

Fiquei satisfeita de ter podido aliviar a carga de outros, pois eu realmente compreendia o seu problema. Enquanto ela saía e a observava virar a esquina, lembrei-me de um pensamento que ouvira do Elder Neal A. Maxwell, assistente do Conselho dos Doze:

“Todas as vezes que navegamos com segurança nesta rota estreita, há outros navios que estão quase perdidos, ou que estão perdidos, mas que podem encontrar seu caminho devido à nossa luz.” (Discurso em um serão na Universidade de Brigham Young.)

Nem sempre tive esta compreensão, esta luz; na realidade, em certas ocasiões houve névoas de escuridão em minha própria vida.¹ Entretanto, essas névoas também são partes necessárias de nossa vida. “Há condições de incerteza, dificuldade, tentações e insegurança — e no entanto, elas são o ingrediente que dá à mortalidade o seu profundo significado. Pois somente sob tais condições é possível ao homem alcançar o suficiente, buscar o suficiente e anelar o suficiente para, na realidade, crescer em espírito.” (Bruce C. Hafen, professor assistente de Direito, Universidade de Brigham Young.) É-nos possível; no entanto, houve épocas, durante os anos passados, em que eu realmente duvidava disso.

Um típico momento de confusão aconteceu em certa manhã de domingo, alguns anos atrás. A Escola Dominical era uma ocasião de regozijo — exceto no Dia das Mães. Por não ser mãe, eu me sentia triste. Mas, nesse determinado ano, eu disse a mim mesma que seria diferente.

Durante a reunião, todas as mães foram convidadas a levantar-se e a cada uma foi dada uma flor, como presente. A música do órgão tocava suavemente, enquanto as mocinhas se moviam pelos corredores, passando as plantinhas — begônias — em cada fila para as mães que permaneciam de pé. Naquele ano, eu havia prometido ser mais valente do que durante todos os anos anteriores. Mas, enquanto cada uma das mães recebia seu pequeno presente e as garotas se aproximavam de minha fila, aqueles antigos sentimentos familiares voltavam. Desejava não ter vindo à Escola Dominical — pelo menos não no Dia das Mães.

As florezinhas em seus vasos foram passadas em cada uma das filas, até que todas as mães estavam sentadas. Então, como antes, mais uma planta foi passada. Mais uma vez ouvi o sussurro costumeiro: — Vamos lá, aceite-a, você a merece. — E então, forçando a pequena planta em minha

mão fortemente fechada, alguém murmurava: — Você é como uma mãe!

A reunião terminou. Tentei sair rapidamente pela porta dos fundos, mas meu caminho parecia estar bloqueado por objetos e pessoas que já não podia identificar. As lágrimas enevoavam minha visão. — Não posso chorar, — dizia para mim mesma, — devo dar um bom exemplo. Mas podia ouvir o eco em meus ouvidos: “Você é como uma mãe.” Pareciam caçoar de mim, enquanto minhas mãos sustentavam o peso da pequena begônia.

Este ano não fora diferente. Eu pensara no ditado: “O tempo cura todas as feridas”, mas os anos se estavam passando e eu não estava sendo curada. Ainda estava angustiada e meu coração doía. Minha mente encheu-se de perguntas que eu fazia muito frequentemente: Meu companheiro eterno e eu não havíamos sido ordenados a multiplicar e encher a terra e ter gozo em nossa posteridade? Não devíamos ter posteridade? Nenhuma alegria?

Apressei-me a chegar em casa, a apenas algumas quadras da Igreja. Mas o eco da solidão acompanhou-me até lá. Tentei ignorar a mesa do almoço que havia posto com amor e cuidado, mas com apenas dois lugares. Outro dia e eu tentaria novamente com mais força suportar a tensão.

Semanas mais tarde, um garotinho que era novo na vizinhança, bateu à nossa porta. Quando a abri, ele olhou ansioso e perguntou: — Seus filhos podem vir brincar aqui fora?

Um frio pareceu invadir-me, enquanto eu disse quase num sussurro: — Não tenho nenhum filho.

A criança, em tom curioso perguntou: — Você não é mãe?

Respondi concisamente: — Não, não sou.

O garotinho pareceu não ter entendido e, na inocência da infância, fez a pergunta que eu nunca ousara exprimir em palavras: — Se você não é uma mãe, o que é?

Depois que ele se retirou, toda minha alma clamou: — Deus amado, se eu não sou uma mãe, o que sou? — E, novamente a pergunta penetrante — qual era o plano de Deus para meu marido e eu? O que o Senhor queria que fizessemos?

Vários de nossos amigos haviam adotado crianças, seguindo a alegria de serem pais. Esses filhos não eram como se fossem seus próprios, eles eram seus próprios. Através do poder selador do santo Sacerdócio, eles se transformaram em uma unidade familiar eterna.

Nós também desejávamos adotar crianças. Jejuávamos e orávamos continuamente, para saber se a adoção era a vontade de Deus. Sentíamos um estupor de pensamento como dito nas Escrituras.

“Mas, eis que eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.

“Mas, se não for correto não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento.” (D&C 9:8-9.)

Mas, por que o estupor de pensamento, se ansiávamos tanto pela confirmação do Espírito Santo? Queríamos aumentar nossa fé, para que pudéssemos receber uma resposta positiva. Finalmente, a mensagem veio:

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” (Prov. 3:5.) As palavras não eram novas, mas a mensagem veio como uma resposta à nossa oração.

Os pensamentos invadiram excitantes minha mente. Fé no Senhor Jesus Cristo — não era este o primeiro princípio do Evangelho? Fé em que todas as coisas virão a se realizar no devido tempo do Senhor.

Esperei ansiosamente para compartilhar esses sentimentos com meu marido, Heber. Sempre o esperava acordada até que ele voltasse de suas reuniões, mesmo tarde da noite, porque essa ocasião juntos tornava-se muito especial. Um reservatório de poder sem limites, do qual uma esposa pode extrair forças, existe num lar no qual o marido fiel possui o Sacerdócio de Deus e magnifica seu chamado. Nesta noite, eu pediria outra bênção de meu marido através de quem Deusalaria. Com fé crescente, saberíamos a vontade de Deus com relação a nós.

Heber sentiu que eu precisava falar. Depois de haver-mos conversado e de ele me haver confortado, deu-me uma bênção.

Orientado pela inspiração do Senhor, encontramos juntos a direção que se tornaria nosso propósito para a vida. Recordamo-nos das palavras do Presidente David O. McKay: "O mais nobre objetivo na vida é procurar fazer outras vidas felizes." Em minha bênção, meu marido disse: "Você não precisa ter crianças para amá-las; amar não é sinônimo de possuir e possuir não é necessariamente amar. O mundo está cheio de pessoas para serem amadas, guiadas, ensinadas, elevadas e inspiradas."

E finalmente, juntos relemos as palavras do Profeta Joseph Fielding Smith: "Se a qualquer pessoa digna forem negadas nesta vida as bênções que vêm com tanta presteza a outros, e no entanto ela vive fielmente e se esforça em viver os mandamentos do Senhor da melhor maneira, que lhe for possível, então nada estará perdido para ela. A tal pessoa serão concedidas todas as bênções que podem ser dadas. O Senhor a compensará com a plenitude depois de terminada esta vida e de haver chegado a vida plena. O Senhor não deixará de olhar por nenhuma alma que seja digna, mas lhe concederá tudo o que lhe puder ser dado..." (Doctrines of Salvation 2:176-77.)

Não ouvi as palavras finais de Heber, quando ele fechou mansamente o livro, pois minha alma estava em paz.

Nunca mais me senti a mesma depois daquela noite. Achei uma paz calma como o sol nascente, quando o calor de seus raios se move para o alto até abranger todo o céu e não mais existem nuvens escuras em direção alguma.

Sabíamos que nosso casamento era eterno e que juntos nos aperfeiçoaríamos voltados para a perfeição. Fizemos um voto de confiar no Senhor e em seu senso de oportunidade, sabendo que "tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado." (D&C 84:38.) Haveria, ainda, perguntas, mas também haveria respostas. "O que deveríamos fazer no meio-tempo?" Meu marido me dera a resposta: "O mais nobre objetivo na vida é procurar fazer outras vidas felizes."

Não me posso lembrar exatamente quando essa mudança se realizou, mas nosso lar tornou-se um centro de atividades da vizinhança. Tínhamos sempre visitantes, tanto crianças como os pais apareciam, usando a desculpa "precisamos de um biscoito." Esperavam que Heber estivesse em casa. Ele sempre tinha tempo para ouvi-los, para divertir-se e para dar-lhes conselho.

Minhas recompensas chegaram em muitas ocasiões inesperadas. Uma vez, na mercearia, quando o rapaz colocava as compras num cartucho para mim, disse muito espontaneamente: — Seu marido é um grande cara para se bater um papo.

Uma mãe agradecida escreveu certa vez uma carta a Heber, dizendo: "Muito obrigada por conversar com meu filho. Suas palavras fizeram toda a diferença. As coisas eram difíceis para ele que não tem pai, mas agora decidiu que quer fazer uma missão. Muito obrigada pelo tempo que você spendeu com meu filho."

Certo dia, um garotinho passou rapidamente por mim, na porta da cozinha, levado por seu amigo que indicava o caminho. — Bradley diz que a gente pode levar um em cada mão, — foi o comentário que me fez o menino, enquanto seu companheiro mais experiente puxava ansiosamente a gaveta dos biscoitos, abrindo-a bem para escolher melhor.

Com um sorriso disfarçado, respondi: — Bradley tem razão. — Acompanhei-os, enquanto escolhiam os biscoitos cuidadosamente. Então, os pequenos predadores saltitaram pela porta com seu tesouro, enquanto ali fiquei observando, meu coração cheio de alegria.

Um pequeno milagre começava a realizar-se. "Dou a fraqueza aos homens, a fim de que sejam humildes; e minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles." (Êter 12:27.) Bênções que parecem estar longínquas, são com freqüência, apenas adiadas, e somente em questões de grande importância as almas se tornam intimamente ligadas, enquanto procuram elevar-se a Deus. E ele lá está: "Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mat. 28:20.)

Os anos se passaram rapidamente. Partilhámos da alegria de ver os filhos e filhas de nossos amigos partirem para missões e planejarem o casamento no templo. Chegamos mesmo a compartilhar, eventualmente, aquela emoção reservada apenas às pessoas que logo viriam a ser avós. E, em ocasiões nas quais eu experimentava um anseio fugaz, Heber me reanimava e confortava.

Fomos abençoados, através dos anos, com ilimitadas oportunidades de progresso e desenvolvimento — oportunidades de servir ao nosso próximo, jovens e idosos, e de regozijarmo-nos no dom da vida. Temos podido ver a influência de Deus em tudo o que é bom.

Durante a semana que se seguiu a certo Dia das Mães, eu estava verificando a correspondência, quando reconheci o endereço da remetente de uma carta, e alegrei-me com outra carta de "uma de minhas meninas." Essas cartas vinham, em geral, anunciando algum acontecimento importante, antes do nascimento de um novo bebê. Mas a mensagem desta carta era diferente, e como a resposta de uma oração há muito esquecida:

"Gostaria de compartilhar com você alguns dos sentimentos que tenho neste Dia das Mães. Posso lembrar-me de outro Dia das Mães em que eu era uma menininha distribuindo flores às mães da ala. Parecia ser algo tão especial. Ansei por algum dia poder levar-me também e ser homenageada juntamente com as outras mães. Este Dia das Mães chegou-me com um significado especial, quando pensei em minha doce avó, tão frágil em seus noventa e seis anos. Pensei nos sacrifícios e no amor de minha própria mãe e de minha amável sogra que está sempre pronta a ouvir. Tenho agora minha própria filhinha, pequenina e de sorriso confiante.

"Mas não me lembrei somente de minhas mães de sangue, mas também de uma bela pessoa que transformou minha vida e fez com que eu a amasse e respeitasse sempre com tanta certeza quanto a uma mãe. Se você ao menos soubesse quantas vezes só o pensar em você me fez mais compassiva e ajudou-me a ajoelhar-me, quando era tão necessária a orientação de nosso Pai Celestial."

A carta fez-me chorar até não poder mais ver a página. Enquanto as lágrimas me corriam pela face, pensei no privilégio que tivéramos de poder ajudar na vida de Jim, Karen, Becky, Paul, Mark, Mindy, Wanda e as muitas outras almas preciosas a quem temos amado tão profundamente. De meus lábios escapou uma oração. — Obrigada, Deus querido. Permitiste aos teus humildes servos serem usados como instrumentos nas tuas mãos. "Cumpra-se em mim segundo a tua palavra." (Lucas 1:38.)

Esfreguei os olhos, enxugando as lágrimas, e continuei a ler a carta:

"Eu a amo muito e oro freqüentemente para que o espírito orientador do Mestre possa estar sempre com você, a fim de que possa continuar a trazer bênções à vida daqueles que a cercam.

"Você é como uma mãe para mim. Com amor, Cathie."

Ardeth G. Kapp, uma dona de casa, serve na presidência da organização Geral das Moças da Igreja. Vive na 29.^a Ala de Bountiful, Estaca Central de Bountiful, Utah.

JEJUM E ORAÇÃO

por Spencer J. Condie

Como empreendemos a remoção das manchas do pecado de nossa alma? O Senhor nos prometeu, através de seu profeta Isaías: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã." (Isa. 1:18.)

Como é confortante receber do Senhor a certeza de que nossos espíritos manchados podem restaurar-se à pureza, e nossa aparência interior poderá tornar-se agradável à vista do Senhor. Ele espera que nos submetamos à santificação ou purificação, como é evidenciado por ele, quando falou nestes, os últimos dias:

"Pois eu, o Senhor, não posso encerrar o pecado com o mínimo grau de tolerância;

"Entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado." (D&C 1:31-32.)

O Senhor espera que mantenhamos nosso espírito e corpo limpos do pecado. Como nossos pais terrenos, o Senhor compreende que ocasionalmente seremos tratados por atividades que mancham a alma. Entretanto, ele nos recorda de que "não veio sobre nós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." (1 Cor. 10:13.)

Ficamos, com freqüência, pessoalmente preocupados e às vezes desani-

mados com nossa aparente incapacidade de resistir a certas tentações, a despeito da promessa de que as tentações de Satanás nunca serão maiores do que nossa capacidade de resistir. Mas, como o Senhor explicou ao Profeta Morôni, são-nos dadas fraquezas por um propósito sábio:

"E, se os homens vierem a mim, eu lhes mostrarei sua fraqueza. E dou a fraqueza aos homens, a fim de que sejam humildes; e minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles." (Ét. 12:27.)

Alma, o filho, teve sucesso, com a ajuda do Senhor, em purificar sua alma infamada:

"E aconteceu que, enquanto eu estava sendo assim atormentado e perturbado pela lembrança de tantos pecados, eis que lembrei também de ter ouvido meu pai profetizar ao povo sobre a vinda de Jesus Cristo, um Filho de Deus, que viria expiar os pecados do mundo.

"E tendo fixado minha mente nesse pensamento, clamei em meu coração: Ó Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pois que sinto o fel da amargura e estou rodeado com as eternas correntes da morte.

"E eis que, tendo assim pensado, não senti mais dores; e também não fui mais atormentado pela lembrança de meus pecados.

E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor." (Al. 36:17-20.)

A luz e alegria do perdão são nossas, para quem se habilitar, se estivermos desejosos de seguir o conselho do Senhor dado nas Escrituras. Ele exige "um coração quebrantado e um espírito contrito" (3 Né. 9:20) e reconhecimento humilde de nossos pecados e fraquezas. Então, assim como Alma, preci-

samos clamar a ele que nos perdoe. Frequentemente ouvimos falar sobre os quatro passos do arrependimento: (1) reconhecimento, (2) remorso, (3) reparação, e (4) volta à retidão. O perdão inclui também que confessemos os pecados àqueles que foram ofendidos ou, no caso de transgressão mais séria, ao bispo. Infelizmente, muitos jovens (assim como adultos) acham difícil arrepende-se e gozar do sentimento de luz e pureza experimentado por Alma.

As perguntas feitas por muitos jovens são: "Como posso sentir-me novamente limpo? O que purificará minha alma?" Gostaria de sugerir dois passos simples como um início positivo nesta direção:

1. Oração sincera e honesta com duração suficiente para alcançar o trono de Deus. Para Alma, isto levou três dias e noites. Enos clamou ao Senhor durante todo um dia e noite, antes de ouvir do Senhor a certeza de que seus pecados haviam sido perdoados.

A extensão absoluta da oração de alguém é relativamente sem importância. O que é de importância extrema, entretanto, é o processo de comunicação **bi-direcional**. Alguns entre nós criticam certas religiões que prescrevem o uso de orações fixas, e no entanto, nós somos frequentemente culpados da mesma forma vã e repetitiva de oração. Devemos orar até receber a certeza em nosso coração e alma de que alguém está realmente ouvindo, de que estamos, na verdade, nos comunicando.

2. Jejum. Assim como com freqüência confundimos **fazer** uma oração com orar realmente, nem oramos o suficiente nem jejuamos o bastante para comungar com Deus. A ação de purificação do jejum e da oração só pode ser plenamente eficaz quando em contato prolongado com as máculas da alma. Então, e só então, poderemos iniciar o processo de nos tornarmos perfeitos e experimentar a alegria irresistível como a de Alma, o filho, ao alcançarmos a santificação à vista do Senhor.

Notícias Sobre o Templo



Cerimônia de Abertura da Terra do Templo de São Paulo

por José Glaiton F. da Silva

Precisamente às 15 horas do dia 20 de março de 1976 foi dado início à cerimônia de abertura da terra para a construção do Templo de São Paulo, o primeiro a ser construído na América do Sul.

O Élder James E. Faust presidiu e dirigiu essa reunião, que contou com a presença de aproximadamente 2.000 membros de todas as partes do Brasil. Após o prelúdio oferecido pelo coro da AIM, especialmente organizado para esta ocasião, o Élder Faust deu as boas-vindas a todos, reconhecendo em seguida a presença dos líderes da Igreja no Brasil e na América do Sul e destacando a presença do presidente da Estaca da África do Sul, que muito tem colaborado com este grandioso projeto.

Dando continuidade ao programa, todos os presentes uniram vozes e corações cantando o hino

“Damos Graças a Ti”, cuja letra inspirada, aliada à vibrante melodia, nunca pareceu mais apropriada do que naquele momento.



Então, o irmão Antonio Carlos de Camargo, Representante Regional dos Doze, elevou-nos a Deus em humilde prece, expressando a gratidão e os sentimentos que possuíam os corações de todos.

Em seguida, um coro formado por jovens da AIM das três estacas de São Paulo, sob a regência da irmã Clery Pereira Bentim e acompanhado ao órgão pela irmã Regina Lubrani, cantou o hino “Bela Sião”, contribuindo desta forma para que se intensificasse a espiritualidade dessa reunião histórica.

A IGREJA NA AMÉRICA DO SUL

Logo após o Élder Asael T. Sorensen, Representante Regional dos Doze, fez um breve relato de como a Igreja surgiu na América do Sul, destacando o aparecimento e o crescimento da Igreja no Brasil.

Em suas palavras o Élder Sorensen disse: “Vinte e um anos depois da organização da Igreja, em 1830, o apóstolo Parley P. Pratt chegou em Valparaizo, no



Elder Asael T. Sorensen, Representante Regional dos Doze

Chile, a fim de divulgar o Evangelho. Porém encontrou uma situação um pouco difícil e foi preciso voltar.

Com certeza foi o Senhor, reconhecendo o sacrifício e fé deste apóstolo, que inspirou muitos conversos da Alemanha e da Inglaterra, a emigrarem para o Brasil e Argentina.

Logo após a chegada desses imigrantes houve uma súplica à Presidência da Igreja e logo o Apóstolo Balard foi chamado para abrir a Missão da América do Sul, chegando a Buenos Aires em 1925.

A oração do Élder Balard foi significativa. Missionários saíram de Buenos Aires para o Brasil e Uruguai. As primeiras reuniões foram feitas em Porto Alegre, na língua alemã.

Logo após foram para Joinville, onde foi comprada a primeira propriedade da Igreja, casa reformada que ainda hoje é utilizada.

Deste modesto início a Igreja foi recebendo mais membros e com isso mais terrenos e casas foram adquiridas para serem transformadas em capelas.

Em 1935 foi criada a Missão Brasileira, contando com 143 membros e nove missionários.

Apesar de muitos problemas e dificuldades, como, por exemplo, a falta de condução, e comunicação adequada e a oposição religiosa, a verdade venceu.

Há algumas datas de especial importância, acrescentou o Élder Sorensen: Em 1942 terminaram as reuniões na língua alemã. Em 1953 o Presidente Rulon S. Howlls dedicou a terra no Peru para o trabalho missionário estendendo as fronteiras da Missão Brasileira até os mares do Pacífico. Em 1953 o Presidente Frederick G. Willians abriu a Missão do Uruguai. Em janeiro de 1954, o Presidente David O. McKay, o Profeta e primeiro membro da Presidência da Igreja



Elder James E. Faust, Assistente dos Doze, Autoridade Residente

a visitar a América do Sul, visitou a Missão Brasileira. Em 1956 o Apóstolo Henry D. Moyle sendo inspirado pelo Senhor disse: "Desse momento em diante haverá um despertar espiritual no Brasil, milhares se converterão à Igreja". Hoje podemos testificar que já foi cumprida esta profecia.

Em 1959 a Missão Andina foi organizada abrangendo o Peru, Equador e Chile e também foi criada a Missão Brasileira do Sul.

Em 1961 o Élder A. Theodore Tuttle veio presidir sobre as missões da América do Sul, e fez crescer e se fortalecer o Sacerdócio.

Em 1966, finalmente foi organizada a primeira estaca na América do Sul, a Estaca São Paulo. Desde então, oito outras estacas foram organizadas, contando atualmente com nove estacas e quatro missões.

Partindo de um começo tão humilde, hoje há mais de 140.000 membros na América do Sul. Desse número, 50% são membros brasileiros.

O crescimento é espantoso, há no momento 21 estacas e 17 missões, com outras unidades sendo aguardadas; é verdadeiramente uma obra maravilhosa.

Sinto-me grato e feliz por estar no serviço do Senhor. Tenho testemunho da veracidade dessa obra. Esta é a obra de Deus, em nome de Jesus Cristo. Amém.

NO TEMPLO

Dando seqüência ao programa o Presidente Walter Spat tomou a palavra. Em seu discurso ele disse: "Meus queridos irmãos e irmãs, velhos amigos que reconheço aqui hoje, pessoas que conheci 26 anos atrás.

Durante este período eu vi muitas coisas acontecerem, e hoje estamos diante de um acontecimento realmente muito especial, o início das obras do Templo de São Paulo.

Creio que todos os membros



Presidente Walter Spat

fiéis da Igreja que estão aqui presentes desejaram muito que isto acontecesse.

O Brasil é um país abençoado e abençoado através dos membros da Igreja.





Coro formado pelos jovens da A.I.M. das três estacas paulistas

Este é o primeiro Templo da América do Sul e o Brasil tem o privilégio de recebê-lo.

Sendo realmente este templo desejado deve ter um significado muito especial na vida de cada um.

Traz consigo, também, responsabilidade que novamente revertem para o nosso próprio benefício.

Ordenanças sagradas cujos efeitos vão além desta vida e se projetam conosco para a eternidade são realizadas neste edifício sagrado, e não podem ser feitas em nenhum outro lugar.

Para que possamos fazer essas ordenanças é preciso adquirirmos o direito de receber uma recomendação de nosso bispo, presidente de ramo, presidente de estaca, missão ou distrito, para que possamos entrar neste futuro edifício.

Isto implica em uma vivência plena dos mandamentos que o nosso Deus e seu filho Jesus Cristo estabeleceram para o homem aqui na terra. Vivendo de acordo com esses princípios nossa vida torna-se melhor e tem outro sentido.

Se assim formos, moralmente limpos, honestos, virtuosos, poderemos obter a permissão para entrar neste edifício que será erguido em Santidade ao Senhor.

Creio que para os membros da Igreja, é o ponto culminante que poderão alcançar nesta vida.

Depois do templo, e através dele, virá a vida eterna no Reino de nosso Pai Celestial. É aqui que fazemos os últimos preparativos, é aqui que fazemos voluntariamente os convênios de honrar o Sacerdócio, honrar a Deus, e a seu filho Jesus Cristo, de sermos obedientes aos mandamentos e aos profetas atuais. É um desafio que vale a pena ser aceito.

Nossa vida torna-se mais perfeita e mais significativa. Será realizada a ligação entre pais e filhos, tanto das gerações passadas como atuais.

Será realizado o casamento eterno, o casamento que a morte não separa, os filhos são selados para a eternidade para que a família continue e permaneça ligada pelo princípio do amor que os une aqui.

A família é eterna, como é eterno nosso Deus. Isto em geral não é conhecido pelo mundo, mas a verdade está estabelecida.

Através das ordenanças do templo nós nos aproximamos mais de Deus, o que de outra forma não seria possível.

Qual desejo mais nobre poderia brotar do coração do homem, senão o de ser limpo, honesto, amar seu próximo, amar a Deus sobre todas as coisas? Quando esse desejo nasce e começa a crescer, e a se realizar, o homem alcança novamente a sua condição de filho querido de nosso Pai Celestial e

não um ser decaído e desprezado como muitos crêem que se tornam.

Agora, meus queridos irmãos, muito em breve estará aqui ao nosso alcance a maravilhosa oportunidade de darmos mais um passo em direção ao Reino de Deus.

Esse templo nos aproximará, o amor crescerá e as virtudes se multiplicarão. Estamos no caminho, como disse Cristo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim". Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Logo após ao discurso do Presidente Spat fomos premiados pelas belas vozes dos jovens da AIM com o hino "Quão Belos São".

QUAL É O DESAFIO?

Tomando a palavra o Elder James E. Faust lançou um desafio a todos os membros da Igreja nesta parte do mundo. Suas palavras foram decisivas e sinceras: "Qual é o nosso desafio, com a construção deste grande Templo?"

Chegou a hora de uma nova e grande era para a obra de Deus na América do Sul. Da mesma forma que os filhos de Israel penetraram na terra prometida, este é um novo começo.

Os pioneiros que atravessaram os grandes planaltos e chegaram à cidade de Salt Lake sentiram o desejo de novamente se converterem a fim de se fortalecerem em sua resolução e fé, para assim terem um novo começo.

O enorme desafio para todos nós que possuímos o privilégio de permanecer neste solo sagrado





onde será construído o primeiro Templo na América do Sul é o de fortalecer a nossa fé e recomeçar com o forte desejo de sermos Santos fiéis do Senhor nestas terras.

Chegamos à ocasião de uma separação, separação esta das fraquezas e das más companhias. Os que entrarem no Templo, tomarão sobre si os votos de castidade e aprenderão as leis de sacrifício e obediência.

É também ocasião de escolhas. Em Doutrina e Convênios está escrito: "E ouve um dia de chamada, é chegado o tempo de escolher e que sejam escolhidos os que forem dignos".

O desafio é, portanto, ser digno, para que não sejamos apenas chamados, mas para que possamos ser escolhidos.

Ser digno agora significa mais do que significou antes. Significa o pagamento mais fiel dos dízimos, das ofertas. Ainda um sacrifício



maior para construir este templo a nosso Deus.

Significa mais dedicação em nossos chamados, e em nossos ensinamentos familiares e de professoras visitantes. Significa ser mais obediente ao Senhor e aos seus servos.

Significa mais dedicação ao trabalho missionário, pelos membros da Igreja. Significa que todos os nossos jovens estarão dispostos a se tornarem dignos como missionários. Significa que os nossos jovens estão dispostos a aprender o Evangelho e não apenas freqüentar o seminário ou instituto quando é conveniente, aos domingos, mas também as aulas matinais diárias.

Significa que a Igreja não é apenas uma Igreja de fins de semana, mas que a Sociedade de Socorro realiza reuniões durante a semana, e para algumas irmãs durante todo o dia.



Significa que os pais ocuparão seus lugares em retidão como patriarcas da família e se encontram nas reuniões do Sacerdócio e nas sacramentais todos os domingos e que irão liderar ao invés de serem liderados por outros membros da família. Significa que todas as famílias desejarão realizar as noites familiares todas as segundas-feiras

O desafio é: fortalecer os nossos lares e famílias. Através desse Templo, os membros dignos terão a possibilidade de alcançarem o seu mais alto potencial por meio das ordenanças exaltadoras tão sagradas que não se pode mencionar e nem sequer descrever fora das paredes sagradas do Templo, pois elas pertencem às nossas jornadas eternas, e ao desenvolvimento e potencial interminável de cada alma humana. As portas do Templo estarão abertas para o Reino de Deus aos nossos ancestrais que morreram sem uma oportunidade

de aceitar o Evangelho de Jesus Cristo nesta vida terrena.

Essas bênçãos têm sido ou serão providenciadas por Deus para todos os seus filhos que as aceitarem.

O desafio é, que alcancemos o nosso potencial mais alto que é a divindade.

No portal desse templo estará escrito: "A Casa do Senhor e Santidade ao Senhor", e será a primeira vez que estas palavras estarão escritas em qualquer língua em edifício sagrado aqui na América do Sul.

Do lado de dentro haverá um odor de santidade, e o Espírito de Deus. Por mais importante que o edifício seja, o mais importante mesmo serão as vidas abençoadas por aquilo que se realiza dentro de suas paredes.

O edifício está sendo construído para salvar e exaltar os filhos de Deus. E assim, meus amados irmãos, irmãs e amigos, a grande oportunidade e desafio é: recomeçar, fortalecer a fé, e não sermos apenas chamados mas também escolhidos.

Sendo dignos, fortaleceremos nossos lares e famílias e alcançaremos nosso mais alto potencial.

Mas está escrito: "O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem penetrou no coração do homem as coisas que Deus preparou para os que o amam".

Eu sei que Deus vive, sei que esta é sua obra, sei que o Presidente Kimball é o seu profeta, e presto esse testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Depois do discurso feito pelo Élder James E. Faust, o Élder Jensen, responsável pela construção do Templo foi chamado ao púlpito para, em poucas palavras, descrever o tamanho do Templo.

Para encerrar a reunião, a congregação cantou o hino "Tal como um facho", e o irmão Osiris Grobel Cabral, Representante Regional dos Doze, ofereceu a última oração.

Logo após, as autoridades tomaram de suas pás especialmente preparadas para a ocasião e dirigiram-se ao local determinado para a abertura da terra.

